

PERNAMBUCO

O BRUXO DE LARANJEIRAS

UM OLHAR SOBRE A OBRA EM
CONSTANTE (RE) CONSTRUÇÃO
DE SÉRGIO SANT'ANNA

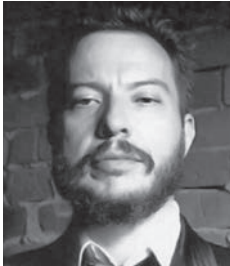


SANT'ANNA

COLABORADORES



Carol Almeida, jornalista e colaboradora de várias publicações de cultura. Escreve no blog *foradequadro.com*.



Ronaldo Bressane, escritor e jornalista. Autor de *Mnemomáquina* (Demônio Negro) e *Sandiliche* (Cosac Naify), entre outros.



Santiago Nazarian, tradutor, escritor e autor, entre outros, de *Feriado de mim mesmo*, *Pornofantasma* e de *Biofobia*.

E MAIS

Antonio Geraldo, autor, entre outros, de *As visitas que hoje estamos*. **Arthur Tertuliano**, jornalista. **Carlos Moreira**, escritor, autor de *Corpo aberto*. **Luciana Hidalgo**, autora de *O senhor do labirinto*. **Luís Henrique Pellanda**, jornalista e escritor, autor de *Ása de sereia*. **Ricardo Aleixo**, escritor, entre outros, de *Máquina zero* e *Modelos vivos*. **Ricardo Viel**, jornalista, que atualmente trabalha na Fundação José Saramago, em Lisboa.

CARTA DO EDITOR

Há muito tempo que o **Pernambuco** estava devendo uma matéria especial que pensasse o trabalho de Sérgio Sant’Anna, o mais importante e influente contista brasileiro em atividade. Apesar de ter escrito romances de força inegável, o conto é, na própria opinião do autor, o território onde ele se sente mais em casa. Nesse final de ano, Sant’Anna está de volta em dose dupla: com uma coleção de textos inéditos, *O homem-mulher*, e com uma reedição revista de um dos seus livros mais importantes, *O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro*, lançado originalmente no começo dos anos 1980.

Para essa edição, o escritor Ronaldo Bressane fez um perfil do “bruxo de Laranjeiras”, focando, entre outros pontos, na construção da sua personalidade literária: “Se tivesse ficado em Minas, Sérgio Sant’Anna não teria a verve algo cosmopolita de alguns contos no recém-lançado *O homem-mulher* (Companhia das Letras, 183 págs.), o jeito ora enviesado ora desassombrado de abordar o amor, o erotismo e o sexo. Os anos passados na pudica Belo Horizonte lhe trouxeram tanto a paternidade do também escritor

André Sant’Anna quanto a incorporação à mitológica Geração Suplemento, formada por ele, Luiz Vilela, Ivan Ângelo e Jaime Prado Gouvêa – todos contistas afiados, conforme conta outro mestre no texto curto, o cronista e jornalista Humberto Werneck, no indispensável *O desatino da rapaziada: Jornalistas e escritores em Minas Gerais* (1992). Foi no final dos anos 1950 que os Sant’Anna se mudaram para BH, e ali ele permaneceu por 17 anos.”

Ainda nessa edição, uma entrevista com um dos autores mais curiosos da nova geração, Eric Novello, além de um texto da escritora Luciana Hidalgo falando sobre a experiência de uma escrita em trânsito.

Vale ressaltar que a biografia que a autora fez de Arthur Bispo do Rosário, *O senhor do labirinto*, virou filme dirigido por Geraldo Motta. Uma chance de entrarmos em contato com uma das personalidades mais enigmáticas e únicas das artes do Brasil nos últimos anos.

É isso:

Boa leitura e ótimo 2015.

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Governador

João Soares Lyra Neto

Secretário da Casa Civil

Luciano Vásquez Mendez

COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO – CEPE

Presidente

Ricardo Leitão

Diretor de Produção e Edição

Ricardo Melo

Diretor Administrativo e Financeiro

Bráulio Meneses

CONSELHO EDITORIAL

Everardo Norões (presidente)

Lourival Holanda

Nelly Medeiros de Carvalho

Pedro Américo de Farias

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO

Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO

Débora Nascimento, Gilson Oliveira e Mariana Oliveira (revisão), Mariza Pontes e Marco Polo (colunistas), Fernando Athayde, Laís Araújo e Priscilla Campos (estagiários)

ARTE

Janio Santos e Karina Freitas (diagramação e ilustração)
Pedro Ferraz (tratamento de imagem)

PRODUÇÃO GRÁFICA

Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE

Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO

Gilberto Silva



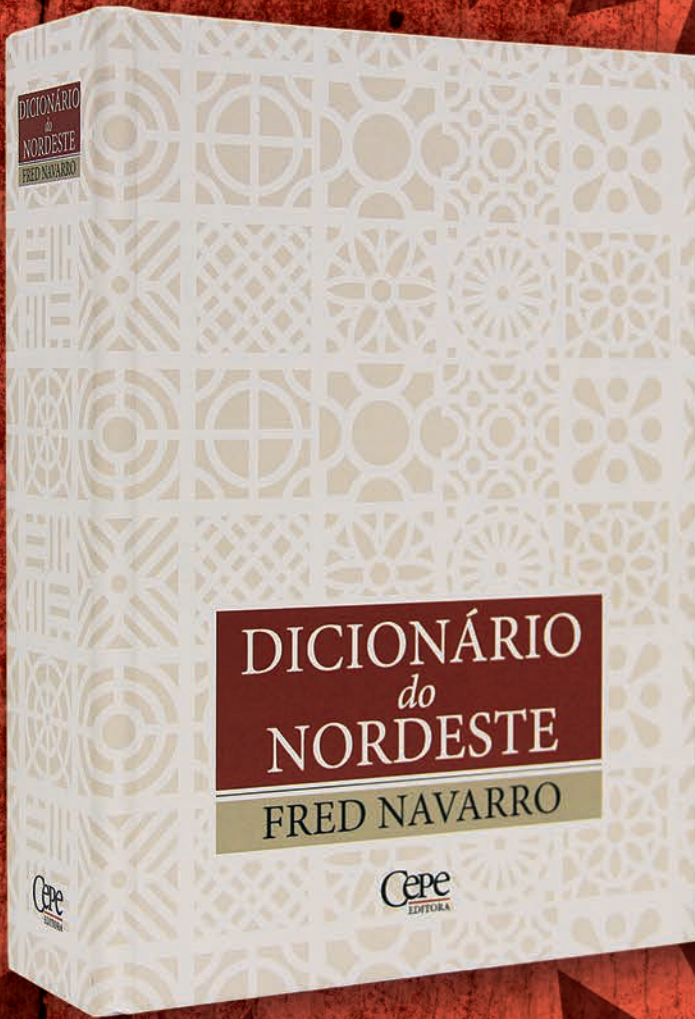
PERNAMBUCO é uma publicação da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife
CEP: 50100-140

Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

VOCÊ SABE O QUE É
UM ABILOCIL?
UMA BALDROCA?
UMA CACERENGA?
UM DEBO?
UM EMBELECO?
E UM FIFÓ?

PASSE O GRAU NESTE LIVRO
E FIQUE POR DENTRO!

Cepe
EDITORA
www.cepe.com.br



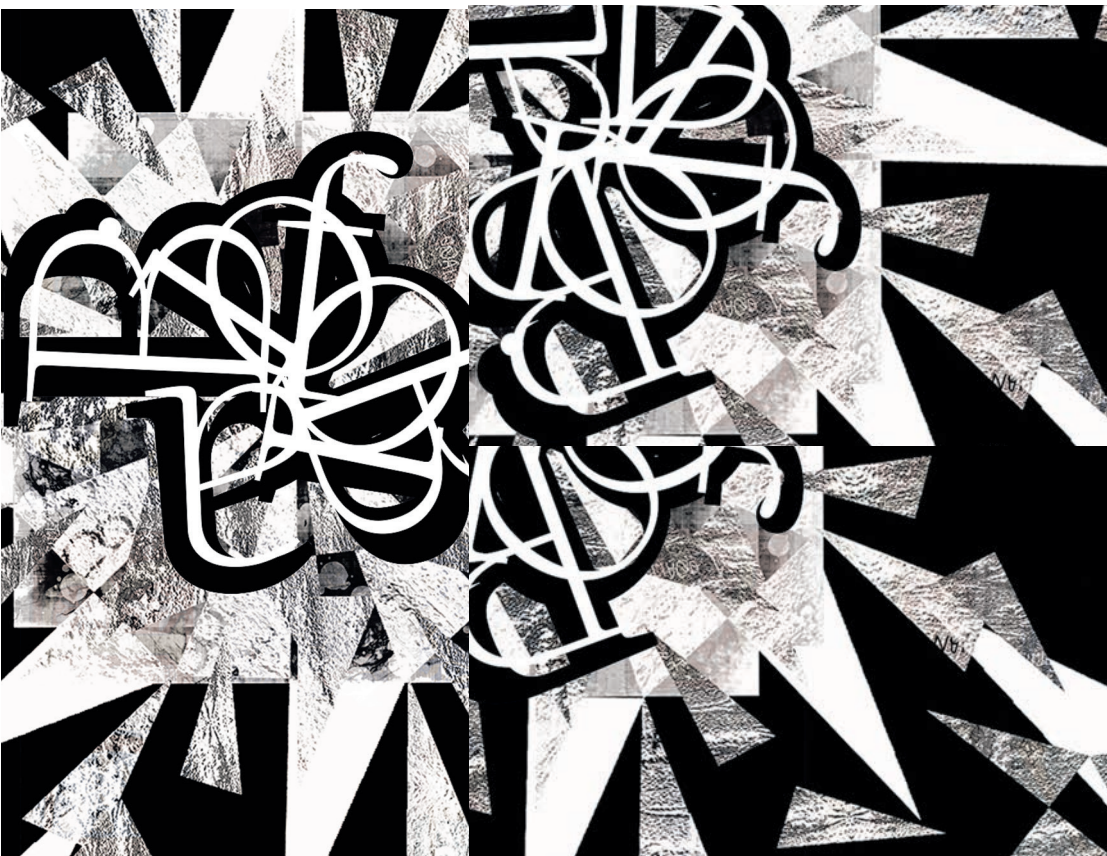


BASTIDORES

Na mente, onde há os desejos mais perversos

Um dos nomes mais *sui generis* da atual literatura brasileira fala do mergulho no mal que marca o universo do seu novo livro

KARINA FREITAS



Santiago Nazarian

“A natureza é madrasta. O amor é uma farsa. Dentro da mente de cada um há os desejos mais perversos, cruéis, individualistas, de morte, as-sassinato, estupro, antropofagia...” Esse é o mote de BIOFOBIA (assim, todo em maiúsculas), um romance de um roqueiro quarentão decadente que se refugia numa casa de campos após o suicídio da mãe. É uma obra que só opera no negativo da natureza humana, da natureza selvagem, o lado negativo da vida. Uma narrativa de certa forma *panfletária* nesse quesito, mas de maneira cínica. Longe de representar meus ideais, ou o que acredito, é a personificação do estado mental de um personagem em crise; ou personificação de uma crise em si, a *biofobia*, essa incapacidade de ver qualquer traço positivo na existência.

Tenho falado muito sobre isso recentemente; qualquer obra que foque no negativo – os grandes dramas, o terror, o suspense – proporciona ao público a experiência da montanha-russa, do trem-fantasma. Mergulhar numa ameaça externa e fictícia, da segurança de uma poltrona; sabendo que apesar daquela experiência a vida permanece intocada, talvez mais valorizada em contraste. Minha busca com BIOFOBIA foi essa – não apenas ao oferecer ao público, mas principalmente ao vivê-la como autor. Obviamente fiz uso de muitas crises pessoais para abastecer o livro, mas elevei a tal potência que minha trajetória pessoal e profissional se tornou um sucesso em comparação à do protagonista. André, meu personagem, é a personificação de tudo o que poderia haver de errado comigo, um artista sem arte, um quarentão narcisista e fracassado, alcoólatra e cocainômano... Acho que estou um pouco melhor do que isso.

BIOFOBIA é meu oitavo livro. E em pouco mais de dez anos de carreira já passei por altos e baixos, experimentei vários formatos e gêneros, com um saldo que, para um cara negativista como eu, sempre se revela insuficiente. Passei de fato pela fase de questionar o por quê de escrever, por que publicar. Pouco antes de surgir a ideia do livro, fiz uma pequena turnê pelo Paraná, a convite do Sesc, em companhia de Eliane Brum, que estava lançando seu primeiro (e ótimo) romance de ficção. Em longas conversas que tivemos, ela me deu o insight que deveria ser óbvio: “O importante é se divertir.” Eu havia me esquecido do essencial que sempre norteou minha escrita.

Sempre fui um autor dos excessos. Acho que há uma valorização excessiva da “concisão”, da contenção; é um caminho admirável, mas não é o único. Admiro Satie, mas invejo Liszt. Procuo a chave do excesso para conquistar uma harmonia. Nesse sentido, o humor é essencial. É o ar que transforma todo aquele creme pesado em chan-

tili. (Veja, até minhas alegorias são carregadas...). O humor também é uma forma de *relativizar*, de diminuir a gravidade de uma declaração; deixa claro que tudo são *possibilidades*, pontos de vista. Ao meu ver, é uma ferramenta essencial do *niilismo*; o humor negro comunica que nenhuma tragédia pode ser realmente levada a sério.

Em termos de estrutura, BIOFOBIA se beneficiou muito da minha experiência recente como roteirista. Eu queria trabalhar mais os diálogos, criar uma trama de suspense – foi um livro escrito já pensando em adaptações para teatro e cinema, então ainda que eu pudesse viajar nas digressões e reflexões internas, fui econômico nos cenários e personagens. A linearidade é algo que sempre me cativa. Aproxima o leitor do autor, faz com que ambos vão descobrindo a história juntos. Mas sei que é uma aproximação ilusória. A narrativa linear não precisa ser escrita linearmente. Quando comecei eu já tinha a história, sabia aonde queria chegar, como terminar. Então trabalhei com diversos capítulos abertos e ia colorindo conforme... bem, conforme surgia *inspiração*, para usar uma palavra que autores “profissionais” rejeitam. Eu tinha a história toda dividida em capítulos e ia recheando. Hoje o capítulo quatro, amanhã mais tintas no capítulo sete. Acho que o capítulo três foi enxertado por último no livro, por exemplo, quando achei que era necessário mais pausa e suspense no início do livro. Assim foi um romance linear escrito de forma não linear.

Preciso dizer também que foi meu primeiro livro que de fato teve um trabalho de edição, pelo Lucas Bandeira de Melo, da Record. Como bom editor, ele não acrescentou uma linha – e como *meu* editor ele também não foi capaz de cortar. Mas deu sugestões valiosas para equilibrar o tom do livro. Fiquei feliz em seguir seu conselho de assumir o romance como de fato um thriller, não apenas um drama existencialista. Um dos últimos capítulos que escrevi para o livro foi a pedido dele, para dar mais suspense à trama já de início.

BIOFOBIA foi minha volta ao romance adulto – uma forma de eu me reencontrar com minha literatura e descobrir o que ainda tinha para dizer a minha geração, que já entrou na meia-idade. Acho que consegui provar, ao menos para mim mesmo, que é possível amadurecer, porém sem perder a irreverência e a liberdade.

O LIVRO



BIOFOBIA
Editora Record
Páginas 240
Preço R\$ 30,00



ARTIGO

Estrangeiros, um estar por vários mundos

A experiência de se flagrar no exílio escrevendo sobre personagens exilados

Luciana Hidalgo

KARINA FREITAS



Escrevo um romance com o mesmo estranhamento dos personagens que invento. Trata-se de uma ficção sobre exílios, e sou eu mesma atualmente uma escritora estrangeira em Paris, deslocada na geografia, partida entre culturas. São culturas complementares, a brasileira e a francesa: o que uma tem em excesso, na outra falta. E ser estrangeiro significa exatamente esse estar-no-mundo-entre-mundos. Um equilíbrio fino que poderia desestabilizar, não fosse a frase do poeta Fernando Pessoa a garantir: “A minha pátria é a língua portuguesa.” Porque foi ele quem disse, isso me estabiliza.

Passo o tempo escrevendo um livro em português num país que fala francês. Circulo num mundo globalizado com fronteiras cada vez mais fluidas. E nessa fluidez eu sei: a minha pátria é a minha língua, não importa quantos oceanos atravessasse, por onde quer que eu ande, ou migre. Não por acaso o título do meu romance é *Rio-Paris-Rio*. Nele cabem cidades, idiomas, migrações.

A figura do exilado sempre me atraiu, sobretudo em seu primeiro sentido: *expulso da pátria*. Mas descobro, com Pessoa, que *pátria* contém uma amplitude de significados, podendo ser um país, uma língua, até o amor, quem sabe. Afinal, são tantos os exílios.

Decido então contar a história de um grupo de brasileiros autoexilados em Paris durante a ditadura civil-militar que castigou o Brasil nos anos 1960-70. Os personagens principais, Maria e Arthur, não foram propriamente expulsos, mas seu mal-estar diante da violência do governo militar, da censura, os empurra a buscar outro lugar no mundo.

Maria é neta de um dos generais implicados diretamente no golpe militar de 1964, enquanto Arthur é filho de um intelectual comunista. Encontram-se em Paris às vésperas da revolução estudantil de Maio de 1968 e se exilam na paixão (um pelo outro), na liberdade, nessa grande *pátria* que é a juventude, como se fosse possível enterrar heranças malditas num cemitério de famílias. Até que a situação política do Brasil se agrava e complica esse exílio no afeto.

Inquilinos de outra cultura, a europeia, Maria e Arthur aos poucos se identificam com o que nela há de positivo. Sabem, no entanto, que são estrangeiros. Mais do que isso: forasteiros. Sabem que não são os donos dessa grande festa que é Paris (Hemingway que o diga), apenas convidados. Ou melhor: penetras. E só aos poucos encontram um lugar intermediário entre o português e o francês, o tropical e o temperado, a barbárie e a civilização.

O exercício da escrita tem muito do exercício do estrangeiro. Afinal, todo imigrante é um espião do outro. Observa as pessoas ao redor, seus hábitos e trejeitos. Tenta aprender a língua oficial, os códigos

“Se persistir sempre no familiar, no que é seguro, e temer o estranho que surge, ficarei no clichê e dificilmente escreverei algo novo”

sociais, as expressões corriqueiras. Quanto mais rápido se adaptar ao novo país, mais integrado estará, o que de imediato significará: menos solidão. E aí vem o mimetismo, dia a dia, a mudança gradual das roupas que veste, das cores, até que se mistura, sentindo-se menos estranho ao outro. Pode não perder totalmente a identidade, mas ela vai se corrompendo.

Quem opta pela vida estrangeira é gente que gosta dessa sensação de estranhamento diário em relação à cultura, à paisagem, à língua. Talvez liguem menos para o que é familiar, para os marcos do dia a dia (como comprar pão na mesma padaria ou cumprimentar o dono da banca de jornal toda manhã). Criam raízes em outros solos, desapegados das próprias raízes. Migratórios, curtem deslocamentos, perdendo as referências do que em geral se pensa como estabilidade.

E é essa instabilidade que importa nesse ir-e- vir. Pois o processo de criação é em si também instável, movediço. E escrever um romance sobre exílios, estando eu mesma no país dos personagens, deslocada, migrante, é uma experiência paradoxalmente fundadora. Crio melhor diante do que me soa estranho. Se persistir sempre no familiar, no que é seguro, e temer o estranho que surge (às vezes realmente atemorizante), ficarei no clichê e dificilmente escreverei algo novo.

Em geral o escritor tenta extrair do banal o extraordinário. Isso não quer dizer que sempre consegue, mas faz um esforço. Por isso o ato de escrever-rescrever é tão importante, obsessivo, sendo em alguns casos até meio doentio. Por exemplo, quando escrevo a primeira versão do texto, é a explosão: o instintivo, o selvagem, o incontrolável. No dia seguinte, ao rescrever o mesmo trecho, aí sim essa rescrita se dá de maneira mais *civilizada*, racional, 10, 20, 100 vezes, a cada



releitura. Escrever, em última análise, é rescrever. E somente quando altero o texto, passo a vê-lo *de fora*, com distanciamento, ou seja, com um olhar, digamos, *estrangeiro*.

Não à toa o escritor muitas vezes se sente um estrangeiro em sua própria obra. Escolhe uma palavra e desconfia dela. Escreve uma frase e duvida dela. Completa uma página e a deleta. O ato de rescrever é a negação do ato primeiro, o de escrever. Sucessivas vezes apaga-se o que se tinha escrito de início. E isso quer dizer que, até tornar pública a sua obra, o escritor já se negou mil vezes.

Estranho ofício esse. Tem dias em que acordo sem a menor ideia de onde estou na ficção, se sou eu que a arrasto, ou ela que me arranca. Não faço qualquer tipo de esboço antes de começar um romance, não determino uma espécie de estrutura, não tenho noção dos personagens que me visitam. Narrativas vão surgindo, seja a partir de uma ideia frágil, fugidia, que se consolida no momento exato da escrita, ou de uma única palavra que eu não ouvia há muito tempo, por exemplo, e que de repente soa diferente, nova, tornando-se guia.

Toda essa movimentação de ideias e frases acontece tanto diante do computador quanto na rua. Em geral trabalho no livro e saio para caminhar. Flanar faz parte do processo criativo, é quando ponho as palavras para circular, pouco importando a cidade onde esteja. Continuo a escrever

enquanto ando. As palavras (sempre elas) vêm e vão, encadeadas, *en marche*.

Aproveito então para observar as pessoas na rua, contextualizadas nos grandes cenários que as acolhem. É que as cidades são determinantes nos meus romances, a ponto de constarem no próprio título. Atualmente a Paris e o Rio de Janeiro das décadas de 1960/70 têm me conduzido, porém, olhando em retrospectiva, noto que já fiz isso antes. Quando escrevia *O passeador* (meu romance anterior), caí na tentação de visitar ruas por onde o personagem Afonso passearia, no centro do Rio. Cheguei a traçar alguns percursos *in loco*, antecipando os passos do protagonista na ficção. Embora o livro se passe no início do século 20, muitas ruas permanecem, inclusive com os mesmos nomes. E por ser eu mesma uma passeadora, vejo hoje o quanto contracenei, ao lado de Afonso, com o Rio da Belle Époque, dividida entre a cidade concreta e a cidade imaginária.

Repito essa experiência agora em Paris, dedicada a percorrer trajetos por onde Maria e Arthur caminham, ou a escolher, por exemplo, o prédio onde moram. Sempre que passo pela esquina do Boulevard Saint-Michel com a Rua Cujas, no Quartier Latin, ver o edifício que escolhi para os personagens me dá certa segurança: é algo sólido, está ali, então eles também estão. E quase posso vê-los, no último andar, fumando, angustiados, apaixonados, intensos, na arrogância de sua juventude – uma juventude

que revolucionou tudo o que até então se pensava como juventude.

Escrever em Paris uma ficção passada em Paris é um privilégio em tantos sentidos que ultrapassam a mera geografia. A pesquisa é ampla, fuço arquivos de jornais da época, busco livros sobre o explosivo Maio de 1968, escrevo trechos a partir de toda essa leitura e da minha própria *flanêrie* pela cidade. E há ainda outro exercício diário fundamental nesse processo: a língua francesa. Quando falo uma língua estrangeira e volto à minha língua, o português, vejo essa última com mais distanciamento. Isso torna mais criativa a minha poética. É como voltar para casa depois de uma viagem a outro país. Passamos a ver a nossa própria cultura, a nossa cidade, com outros olhos, mais distanciados, por isso mais críticos e criativos.

Uma última curiosidade: quando aprendi a palavra *étranger*, demorei a entender seu duplo sentido. O termo em francês significa *estrangeiro*, mas também *estranho*. E só então me dei conta disso. Sim, o estrangeiro é antes de tudo um estranho, um intruso. E com o tempo assumo esse lugar meio de fora, o tal olhar de viés que se tem diante da cultura do outro. Sendo que em Paris sou eu a outra. Vou então me infiltrando, espiono, estranho e sou a estranha. Porque é disso também, e principalmente, que se trata a escrita. Sem sentir profundamente toda essa estranheza – e até apreciá-la – não escreveria essa ficção.



ENTREVISTA

Eric Novello

Toda a fantasia *noir* que nutre a ficção de Eric Novello

Elogiado por nomes como Elvira Vigna, o escritor conversa sobre o universo bastante particular da sua literatura que passa por exorcismos e por uma pitada musical do blues

FOTO: DIVULGAÇÃO



Entrevista a **Arthur Tertuliano**

A protagonista de *Alice no país das maravilhas* – pouco após o começo de suas aventuras e “tão assustada que, por um momento, esqueceu como se fala direito” – exclama: “Estranhíssimo, estranhíssimo!”. Sensação parecida é suscitada no leitor de *Exorcismos, amores e uma dose de blues* (EADB), novo romance de Eric Novello: a obra de Lewis Carroll transparece como uma das grandes inspirações para o livro desse carioca radicado em São Paulo que já trabalhou em bancadas de laboratórios, drogarias e instalações industriais.

Dez anos após seu primeiro romance – tempo em que atuou como colunista, tradutor, organizador de antologias e compositor, além de publicar outros livros –, o escritor lançou em 2014 *EADB*, seu primeiro livro am-

bientado num universo por ele apelidado de Habitante Noturno. É um mundo bastante parecido com o nosso, em que acompanhamos a narrativa de um rapaz desempregado e com o coração partido, dono de um gato temperamental, ainda que com algumas diferenças: não há religiões abraâmicas, não fazem parte da cultura popular, o protagonista trabalha como exorcista *freelancer* – ele tem o poder de atravessar espelhos para entrar em outras realidades (alcançadas “reflexos”) – e seu gato é de fumaça.

Na entrevista com o escritor – que, nas palavras de Elvira Vigna, “escreve bem para caralho” – ele revela alguns dos aspectos da criação de seu último livro, discorre sobre blues e diversidade e nos dá razões para prestarmos mais atenção a um gênero que tem ganhado crescente destaque na literatura brasileira contemporânea.

Uma das coisas que mais chamam atenção durante a leitura de seu último romance é a subversão de uma das palavras do título: os “exorcismos” – comumente associados ao imaginário católico – ganham outra conotação em um universo onde inexistem as religiões abraâmicas. Por que ambientar a história ignorando esse aspecto da nossa cultura?

Foram três as razões: liberdade especulativa, quebra da dicotomia e possibilidade de abordar problemas sociais. Toda literatura especulativa se baseia em um ponto de divergência com a realidade, por mais próxima que esteja dela. No mundo criado para *EADB*, a magia existe no dia a dia – basta lembrar que os deuses das religiões politeístas foram na verdade magos ou seres fantásticos muito poderosos. Com a não transição da cultura politeísta para a monoteísta, tenho a liberdade de reimaginar toda a nossa história, um material de trabalho muito rico. Já sobre a dicotomia sustentada pelas religiões abraâmicas: excluí-las acaba com a divisão entre bem e mal, céu e inferno, justo e pecador, certo e errado, a vida terrena e a espiritual. Uma escolha que, paradoxalmente, gera um mundo mais realista e me aproxima da ambientação cinzenta do *noir*, um dos meus nortes nesse projeto. Por fim, quanto aos problemas sociais: sem o peso da moral religiosa, a sexualidade não é um tabu. Os personagens a exercem (ou não) com liberdade, sem limites e rótulos impostos por terceiros, o que desmonta muitos dos preconceitos que contaminam hoje a cultura brasileira. Isso me permitiu falar desses assuntos de um jeito diferente.

Dickens, a respeito de *David Copperfield*, escreveu: “ninguém jamais poderá acreditar nesta narrativa, ao lê-la, mais do que eu acreditei ao escrevê-la”. O quão atrelada à realidade (e o quão afeita à suspensão da descrença) uma história de fantasia urbana precisa



“A fantasia e a literatura do cotidiano funcionam de modo muito parecido, na verdade

“Sem o peso da moral religiosa, a sexualidade não é um tabu. Os personagens a exercem (ou não) com liberdade

ser? Qual o limite da falta de sentido — e quando se deve explicações ao leitor?

A fantasia e a literatura do cotidiano funcionam de modo muito parecido, na verdade. Ambas dependem de uma lógica que sustente seu mundo ficcional, e falhas são facilmente percebidas pelo leitor. Na literatura do cotidiano isso está mais relacionado às atitudes do personagem (“mas ela nunca faria isso!”) e aos fatos ocorridos (“salvo por uma chuva de sapos albinos?”). Já na fantasia isso se aplica também à ambientação, à criação do mundo como um todo; a distensão de lógica a partir do ponto zero (a realidade) funciona de outra maneira. Mesmo em uma fantasia urbana que aproveite a ambientação de uma cidade contemporânea, é preciso pontuar claramente para o leitor os elementos comuns e os divergentes. Meu protagonista é um mago exorcista: certo, então existem magos nesse universo. Mas ele está desempregado e vivendo de *freelas*: então, os magos também precisam trabalhar e pagar suas contas, que nem eu. Ele come pizza e bebe mate gelado. Por outro lado, seu bicho de estimação é um gato de fumaça. Ele vai espairar em um bar, como eu. Mas o segurança desse bar tem um implante mecânico, e assim vai. A partir de situações corriqueiras cria-se a base para que o leitor, mais adiante, acompanhe as extrapolações e as aceite

como possíveis. No fim das contas, nossa chuva de sapos albinos poderia acontecer numa comédia, numa fantasia ou na literatura do cotidiano. Apenas sustentada por lógicas distintas.

Você afirmou que a “composição de personagens e muitos dos temas abordados em EADB foram retirados de canções de blues”. Como equilibrar essa influência com o humor presente no romance — em outras palavras, como restringir a melancolia a uma dose?

O humor é algo que me persegue desde os trabalhos iniciais. Na escola de cinema, entregava exercícios de roteiros que julgava pesados, dramáticos, e os professores comentavam rindo: diziam que eu tinha um humor refinado, de entrelinhas — um elogio que transformei numa fuga constante, sempre frustrada. Quando comecei a trabalhar no *EADB*, já havia desistido dessa luta imaginária. Se meu texto tem humor, que assim seja: vou me concentrar só na melancolia e ver no que dá. O blues ajudou muito nesse sentido, porque várias canções carregam um equilíbrio natural. Às vezes uma história triste vinha acompanhada de uma melodia energética. Porque assim eram as vidas desses artistas: difíceis, cheias de obstáculos, de músicos negros ganhando pouco para cantar para plateias exclusivamente brancas que não os respeitavam fora dali — mas que mostram a

disposição de seguir em frente. E havia também a ironia: um dos clássicos absolutos do blues, *Born under a bad sign*, de Albert King, tem um verso maravilhoso que diz “If it wasn’t for bad luck, I wouldn’t have no luck at all”. Não é a expressão perfeita do humor diante de uma situação ruim?

Retomando o tema do blues, há uma canção que saiu das páginas do livro e hoje pode ser ouvida no Spotify e no YouTube, na voz de Cássia Novello. Em um livro anterior, há um ensaio fotográfico seu. O que você pensa sobre a interação entre a literatura e outras artes?

Transmídia é um assunto que me atrai bastante, mais pelo movimento, pela questão da transformação, do que pelo aspecto mercadológico. No caso das fotos, eu havia acabado de escrever um texto muito pessoal, o *A sombra no sol*, e queria testar essa exposição de maneira diferente. Comparar os dois desnudamentos, por assim dizer. Expandir mais um limite. Como o livro trata de um garoto de programa, de prisão e liberdade sexual, havia um bom contexto a se explorar, mesmo com poucos recursos. Hoje, quando revisito esse texto na cabeça, tenho vontade de expandir a transposição, de levá-lo para o teatro, talvez. No *EADB* foi mais uma questão de fechar um ciclo. Já que cito trechos de clássicos de blues e havia levado seus temas para a minha história, por que não

fazer o caminho inverso e levar a minha letra ficcional para um blues no mundo real? Ter uma irmã atuante no meio musical facilitou um bocado o processo.

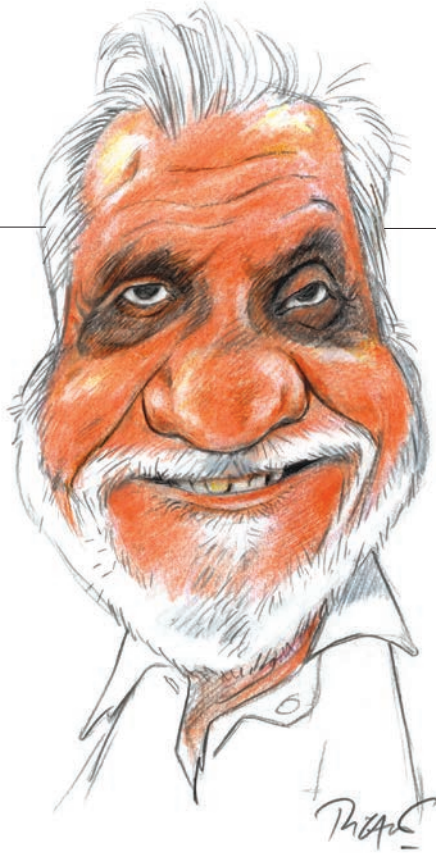
Em EADB, há uma série de referências a seus livros anteriores: personagens reaparecem, textos são revisitados como diálogos. Você busca criar um universo de quebra-cabeça, cada livro uma peça?

No *EADB* existem mundos diferentes do outro lado dos espelhos, realidades que dialogam com a nossa, o que tornou tentadora a brincadeira de imaginar onde meus trabalhos anteriores se encaixariam. Junto a isso, o livro marca dez anos da minha primeira publicação e é meu retorno à fantasia desde então, portanto, quis brincar com textos publicados durante esse período, comemorar a data incorporando referências ao *EADB*. Foi como dizer a mim mesmo: “Primeira fase concluída, vamos à próxima”. Para quem me acompanha desde o início, é uma caça divertida a *easter eggs*, mas não é algo que eu planeje repetir daqui para frente. Histórias como *Neon azul* e *A sombra no sol* estarão de um lado do espelho, contadas no universo que chamo de Habitante Noturno, e o *EADB* do outro, com seus magos, oníricos e seres sobrenaturais, mais próximos da fantasia *noir*.

Segundo uma pesquisa coordenada pela professora

Regina Dalcastagnè, apenas 3,9% dos personagens na literatura brasileira contemporânea seriam homossexuais e 2,4% bissexuais. A diversidade na representação dos personagens — e dos “amores”, para citar o título — é algo que o preocupa?

Meu primeiro livro, *Dante*, lançado em 2004, tinha duas personagens mulheres, entre dezenas de homens. Uma delas, a amante do protagonista; a outra, uma vilã: um fracasso retumbante no teste de Bechdel. Nos livros seguintes: as mulheres eram maioria, em *Histórias da noite carioca*; o *Neon azul* deu um passo adiante, embora sutil; e *A sombra no sol* trouxe um protagonista bissexual, um garoto de programa. O que mudou nesses anos foi o fato de ter ampliado meus limites como autor ao mesmo tempo em que os ampliava como pessoa, em que assumia eu o controle desses limites — outrora nas mãos da família, religião, político reacionário e outros controladores imaginários. Assumir tais limites me permitiu dialogar com o meu entorno sem medo, o que transpareceu nos textos. E ao transparecer, atraiu pessoas que me mostraram o quanto era importante essa diversidade; não só pela questão da representatividade, mas pelos diálogos que ela permite, pelo peso que ela alivia, gerando aí um ciclo que se retroalimenta.



Raimundo CARRERO

Quipapá expõe drama da alma em conflito

Hubert Tezenas lança obra em que examina os paradoxos do homem atual

Este romance – *Ouro de Quipapá* – do francês Hubert Tezenas, publicado pela Editora Vestígio, com tradução de Fernando Scheibe – apresenta pelo menos três grandes qualidades narrativas, não muito comuns na ficção tradicional – rapidez, investigação exemplar dos personagens e construção correta dos diálogos –, de forma que o leitor mergulha com todos os sentidos no drama da condição humana, mesmo que o autor nunca se demore na imersão da psicologia dos personagens. Assim, pode-se ler este livro com muito agrado sem cair na armadilha de monólogos ou solilóquios demorados que, muitas vezes, tornam a leitura enfadonha, embora aparentemente sofisticada.

Em certo sentido, pode-se classificá-lo como um romance de personagens, mesmo que a história seja muito forte e atrativa. Desde o início, Alberico Cruz mostra sua decisiva presença narrativa. Mas ele não é apresentado por dúvidas ou questionamentos. Basta observar o que ele tem de mais característico – o olhar atento e apaixonado, que desenvolve, muitas vezes, as cenas paralelas, e que, por isso mesmo, nunca coloca o leitor na ação central.

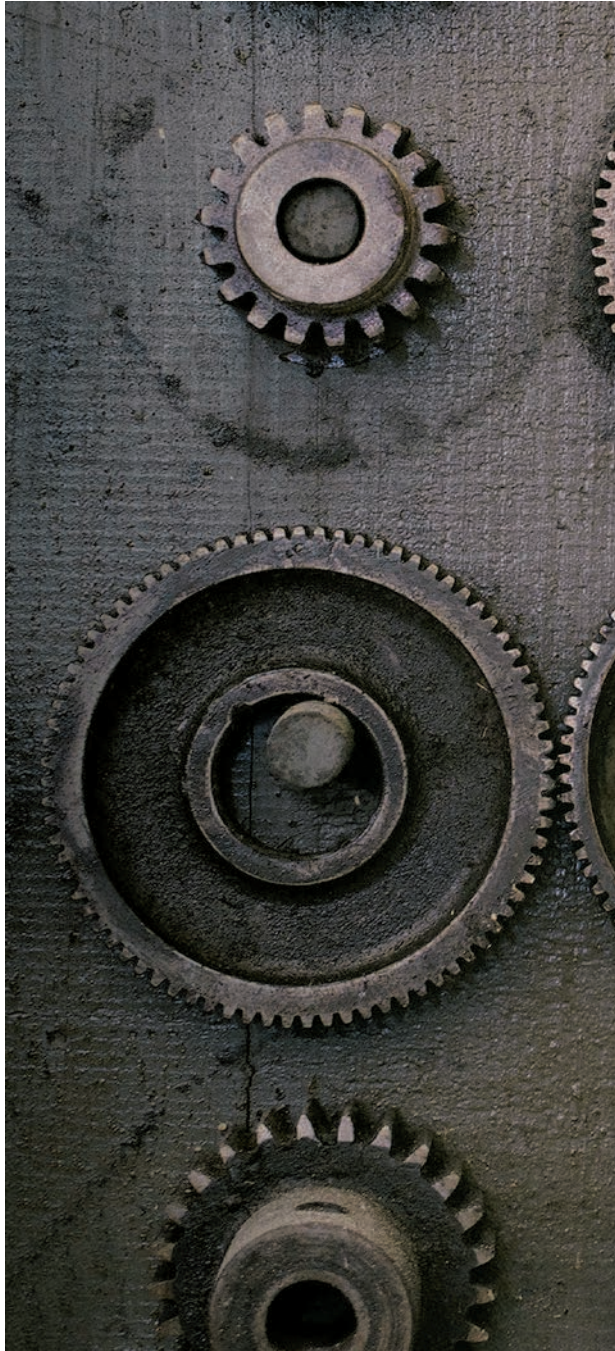
A rapidez é uma das propostas de Ítalo Calvino para o próximo milênio, segundo texto revolucionário que publicou na década de 1990, reunindo textos de conferências que publicou nos Estados Unidos. Mas o que é, enfim, esta rapidez? Contar, contar, contar e deixar o leitor a ver navios? É preciso ter calma, é preciso ter cautela. Em *O ouro de Quipapá*, Hubert deixa bem claro esta questão.

O texto sem dúvida é rápido, mas aí o autor usa uma técnica bem contemporânea que seduz o leitor, ou seja, o olhar do personagem. Isto significa que o narrador privilegia as cenas – mais exatamente, as cenas sobre cenas, numa sequência vertiginosa que vem muito do chamado romance *noir*, sem a imersão vertical na psicologia dos personagens, evitando que a narrativa se perca em reflexões. Para alcançar este efeito, Hubert centralizou as ações muito em Alberico Cruz, que se transforma, nesta história de crime na zona da mata de Pernambuco, num protagonista curioso. É uma história de crime, de buscas, de procuras, de obstinação humana.

Aí entra a habilidade técnica do autor, permitindo que o olhar do personagem exercite sua capacidade crítica, sobretudo a crítica social a relatar – mesmo de soslaio – as condições sociais do homem nordestino e pernambucano, pressionado pelas inacreditáveis injustiças, povoando áreas inóspitas e situações lamentáveis de existência.

Por isso mesmo, chamaria a atenção aqui para mais um dos destaques deste romance escrito por um francês e talvez devido a isso preocupado com as condições às vezes subumanas da existência tão árida e tão difícil nesta região do país. Hubert viveu durante anos nesta área, quando teve ocasião de experimentar a amargura e a força, o destino de cidadãos e de camponeses regionais.

ARTE SOBRE CAPA DO LIVRO O OURO DE QUIPAPÁ/ DIVULGAÇÃO



Mesmo assim, do ponto de vista técnico, pode-se destacar que o narrador evita, de forma bem clara, os monólogos que comumente impregnam a crítica política ou social, sobretudo de estrangeiros. Verdadeiras ladainhas sofríveis, com ares de sociologia e de ciência política amadora. O olhar crítico que observa uma mulher é o mesmo olhar crítico que examina um conflito social. Sem paixões políticas inúteis. E sem teorias políticas levianas próximas do manual escolar.

É também devido a esta técnica que o narrador constrói Alberico Cruz, este personagem inque-

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

CONTOS

Livro de Teresa Sales aproxima as obras de João Cabral de Melo Neto e Josué de Castro, bem como a de Chico Science

A escritora garanhuesa Teresa Sales (foto) promoveu um encontro imaginário entre um poeta e um sociólogo pernambucanos no livro *João Cabral & Josué de Castro conversam sobre o Recife* (Cortez Editora). Dividido em duas partes, na primeira a autora comenta os três poemas de Cabral que tematizam o rio Capibaribe: *O cão sem plumas*, *O rio* e *Morte e vida severina*. Na segunda se debruça sobre a obra

de Josué, mostrando como ela (cronologicamente anterior) antecipa algumas temáticas do poeta, como a relação entre o mar e o canavial, a relação dos homens com o rio etc, e também com as composições de Chico Science (que aliás declarava abertamente sua dívida para com o sociólogo). Um livro principalmente para quem quer se iniciar na obra dos dois grandes pernambucanos.

DIVULGAÇÃO





tante, desde o momento em que ele sai de casa para trabalhar, até se envolver nos acontecimentos que resultarão na história do *O ouro de Quipapá*. A princípio apenas um cidadão comum, um funcionário que deseja tao somente cumprir suas obrigações naturais, embora também desde o início esteja movido por suas curiosidades e aptidões.

A cena em que ele constrói com o olhar, a seu modo, e tudo termina sendo feito a seu modo, outra personagem, ainda no começo do romance, é muito bem elaborada, verdadeiramente. Contida e elaborada, sem palavras inúteis e sem destaques desnecessários.

Em seguida, e não somente em terceiro lugar, mas com igual importância, vem a construção dos diálogos. Rápidos, incisivos, curtos. Às vezes sem travessão, às vezes com travessão, mas dotados de uma técnica capaz de seduzir o leitor.

Aliás, em meu livro *Os segredos da ficção* chamo a atenção para o fato de existirem cinco técnicas de diálogos, entre elas os diálogos com travessão e sem travessão, tão ao gosto do notável ficcionista Rubem Fonseca, um dos escritores mais importantes do Brasil, sem dúvida. Por tudo isso, *O ouro de Quipapá* é, com certeza, um grande livro.

POLÍTICA

Livro faz retrato de um dos maiores populistas nacionais

A expressão “rouba mas faz”, por muitos atribuída a Paulo Maluf, na verdade foi uma espécie de lema de um dos maiores símbolos da esperteza e viração de casaca oportunista na política nacional, o paulista Adhemar de Barros, cujo perfil é retratado no livro *Adhemar – Fé em Deus e pé na tábua* (Geração Editorial), do jornalista Amilton Lovato. Divertido, astuto, corrupto, imprevisível, espontâneo, populista.

LITERATURA

Um dos poetas símbolos da Geração 60 de São Paulo Álvares Alves de Faria lança novo livro duelando com a ambiguidade

Vencedor duas vezes do Jabuti e por três vezes do Prêmio Especial da Associação Paulista de Críticos de Arte, além do amplo reconhecimento no jornalismo cultural pela defesa do livro, Álvares Alves de Faria é um dos nomes importantes da Geração 60 de Poetas de São Paulo, autor de mais de 50 livros (poesia, romance, ensaio, teatro etc). Foi também inventor do *Sermão do viaduto*,

livro recitado em alto-falantes no Viaduto do Chá e que lhe rendeu cinco prisões pelo Dops. Agora lança *O uso do punhal* (Escrituras), novo livro de poemas em que intercala o desencanto (“deveria ter-me matado aos 37 anos”), com gloriosa afirmação da vida (“com minha bicicleta voadora/ atravesso as nuvens cheias de chuva/ e pedalo de encontro ao infinito”). Uma boa leitura.

A Cepe – Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINAIS PELO CONSELHO EDITORIAL

I Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:

- 1. Contribuição relevante à cultura.
- 2. Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:
 - a) A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;
 - b) A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;

3. O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemplem a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.

II Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.

III Os textos devem ser entregues em duas vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, em fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor. As páginas deverão ser numeradas.

IV Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.

V Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.

VI Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Presidência (originais para análise)
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro
CEP 50100-140
Recife – Pernambuco



Secretaria da Casa Civil





CAPA

JANIO SANTOS



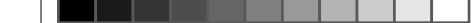
Umas 3 ou 4 coisas sobre o maior contista do Brasil

Ou como a viagens de Sérgio Sant'Anna se cristalizam em seus contos

Ronaldo Bressane

“Se eu tivesse ficado em Minas, cairia numa literatura perigosamente intimista. Ainda sou um cara reflexivo, mas com uma abertura do exterior”, me disse Sérgio Sant’Anna uma vez que o visitei em seu apartamento nas Laranjeiras, Rio de Janeiro, para falar de suas viagens pelo mundo. Na época achei curioso que ele, embora tivesse essa abertura para o exterior, não soubesse o nome de uma enorme pedra emoldurada pela janela do quarto em que escrevia. Vai ver ele vive enclausurado em casa, pensei. Confirmei que de fato Serjão não é muito de flunar por aí quando pedi uma dica de lugar bacana para levar uma namorada gaúcha que também morava nas Laranjeiras. “Olha, aqui perto só conheço o Lamas”, indicou, mencionando o centenário Café Lamas, no Largo do Machado, Flamengo, famoso pelo PF bem-servido e os espelhos pelas paredes, que dependendo do ângulo, podem ser ideais ou fatais para flertes. Era o mesmo restaurante onde

tínhamos ido alguns anos antes. “Leva ela lá, é perfeito tanto para famílias quanto para vampiros”, brincou, já repetindo um tique: costumava ficar mexendo no bolso da camisa como quem vai tirar um cigarro para acender a conversa. Mas não tirava – em luta com o tabagismo, que lhe havia feito alguns estragos no sistema circulatório, em especial nas pernas, Serjão tinha parado de fumar. Então seu único vício era mesmo seguir o Fluminense, time do coração que, além de vizinho, é protagonista de alguns dos melhores contos sobre futebol publicados em português – “Páginas sem glória”, no livro homônimo de 2012, e “Invocações”, de *O voo da madrugada* (2003), narrativas breves que fazem parte da tradição de Serjão em tematizar o futebol, como no já clássico “Na boca do túnel”, de *O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro* (1982). Se tivesse ficado em Minas, Sérgio Sant’Anna não teria a verve algo cosmopolita de alguns contos no



recém-lançado *O homem-mulher* (Companhia das Letras, 183 págs.), o jeito ora enviesado ora desas-sombrado de abordar o amor, o erotismo e o sexo. Os anos passados na pudica Belo Horizonte lhe trouxeram tanto a paternidade do também escritor André Sant’Anna quanto a incorporação à mito-lógica Geração Suplemento, formada por ele, Luiz Vilela, Ivan Ângelo e Jaime Prado Gouvêa – todos contistas afiados, conforme conta outro mestre no texto curto, o cronista e jornalista Humberto Werneck, no indispensável *O desatino da rapaziada: Jornalistas e escritores em Minas Gerais* (1992). Foi no final dos anos 1950 que os Sant’Anna se mudaram para BH, e ali ele permaneceu por 17 anos. “Fiz amigos que me fazem falta até hoje”, conta. “Muitos eram do meio da música. Conheci Milton Nascimento quando ele estava surgindo.”

Ao chegar a Minas, Sérgio já havia morado um tempo em Londres, para onde o pai tinha levado

a família por conta de uma pós na London School of Economics. Viajante compulsivo, o pai passeou com os filhos por Cambridge, Oxford, França, Holanda, Bélgica, Alemanha, Áustria, Itália, Espanha. Sérgio e o irmão, Ivan (também escritor, autor de *Caixa preta*), viviam soltos, e a dupla matava aula só pra ficar passeando: apostava corrida, cada um ia por um caminho pra ver quem chegava primeiro... “Minha memória é muito fresca dessa época. Lembro de todas as estações de metrô... Posso esquecer coisas recentes, mas não o que me aconteceu aos 12 anos em Londres, assim como não esqueço a escalção do Fluminense de 1951!”, afirma Serjão.

Viagens importantes foram também para Paris, Praga e Iowa (EUA). “Como me formei em direito, tinha uma bolsa de estudos no Instituto de Ciências Políticas, na França. Fiquei ali oito meses lendo, indo a teatro, cinema...” No fim do ano letivo deu-se o Maio de 68, que desorganizou a universidade. Foi uma rebelião anarquista, lembra o escritor, que vê como o maior saldo da revolta a liberdade existencial – inclusive contra o comunismo. “Um troço careta, fechado, opressor: minha geração foi imbecil, acreditava no marxismo”, dedura este eleitor de Marina Silva, que costuma ser um severo crítico do governo petista em sua página no Facebook. “Eu me sentia mal, porque estava engajado num grupo que lia muito para aceitar aquela baboseira ideológica como verdade. No meu íntimo, do mesmo jeito que não aceitava a verdade católica que me ensinaram, não aceitava os princípios dogmáticos marxistas.” Sérgio também presenciou a Primavera de Praga. “Compramos uns fantoches e eu improvisava histórias para o André. Ele não conta, mas foi aí que aprendeu tudo. Só que agora ele prefere histórias pornográficas”, brinca.

Nos Estados Unidos, para onde foi em 1969 participar do Programa Internacional de Escritores,

O Bruxo das Laranjeiras sobre seu bar favorito, Lamas: “É perfeito tanto para famílias quanto para vampiros”

impulsiondo pelo sucesso de crítica de seu primeiro livro, *O sobrevivente*, Sérgio também conviveu com escritores de países socialistas. “Sempre mandavam dois, porque um vigiava o outro”, ri. “Os Estados Unidos eram um país fascinante: dentro de uma cidade universitária americana você respirava liberdade, e o país vivia grande efervescência. E estava lá dando um curso o Bob Wilson, um dos melhores escritores de teatro, muito jovem nessa época. O teatro de Wilson mudou a minha cabeça totalmente”, afirma o escritor, que também se aventurou na dramaturgia em peças como *A tragédia brasileira* (1987). Sérgio voltaria a Praga décadas depois daquela Primavera – em 2007, participando do Amores Expressos, projeto da produtora RT/Features e da Companhia das Letras que enviou escritores brasileiros a capitais mundiais (da série também saíram romances como *Cordilheira*, de Daniel Galera, e *Do fundo do poço se vê a lua*, de Joca Reiners Terron). O mês que lá permaneceu o inspirou a escrever o romance – ou ciclo de contos – chamado *O livro de Praga*.

“Gostei muito de Praga. Mas não estava escrevendo nada como um trabalho: estava flinando, vendo o que me interessava. Como não tenho câmera nem laptop, trouxe um monte de anotações...”, descreve. Sérgio conheceu uma Praga *kitsch*, do Museu de Cera, do Museu das Máquinas Sexuais, teatro de sombras, de marionetes, e muita coisa de Kafka.

“O bacana do Museu Kafka é que utiliza meios modernos de expressão, como instalações, projeções, tem um filme numa praia toda deformada, música, frases dele, fotos das mulheres dele, manuscritos. Tem uma instalação sobre *O castelo*, um corredor em que você ouve coisas como *You are a stranger, you are nothing*, e de repente brota um castelo do chão, passam pessoas pulando, rastejando, fugindo. Engraçado que o turista médio é um idiota: não vai ao museu do Kafka, e, se os turistas japoneses entrassem, você não veria mais nada. Deve haver uma incompatibilidade entre japoneses e Kafka... Podia ser um princípio de literatura comparada”, ri. “Apesar de Kafka, não ser uma coisa alegre, turística, tem camiseta e souvenir com retrato dele aos montes. Havia lá também uma exposição do Andy Warhol, e falei para uma amiga tcheca: foi o Warhol quem anunciou que, no futuro, o Kafka viraria camiseta...”, diverte-se.

O livro de Praga consolidou uma tendência na literatura de Sérgio Sant’Anna: a abertura da imaginação para o erotismo sem freios – um erotismo em que se mesclam tanto o humor quanto a reflexão sobre o amor, o desejo e os afetos e sua aproximação com a morte, bem como a descrição sem pudores das práticas sexuais contemporâneas. De certo modo, a suma das viagens de Serjão pelo tema das relações afetivas está neste que é, talvez, seu mais bem-acabado volume de narrativas breves – em que a conhecida elegância do seu estilo, um “escrever bem” quase machadiano de tão irritante, reconhece-se em todas as páginas. Em *O homem-mulher*, quase todos os contos versam sobre aproximações e distâncias entre casais, contrastes e desastres. “Lencinhos”, que se passa na redondeza do escritor – Catete, Flamengo, centro, além de uma epifânica incursão ao Leblon –, é um sutil triângulo amoroso entre um cinquentão, uma trintona que borda lenços belos e singelos, e seu marido, que morre de câncer. “Um retrato” trata do amor de um filho pela mãe que vagamente conheceu, pois ela morreu quando ele era criança. “O rigor formal” é uma maravilhosa história de vingança – outro triângulo amoroso envolvendo um escritor, sua mulher e um fã. O engraçadíssimo “As antenas da raça” é centrado em um casal de embaixadores aposentados cuja rotina de jantares chiques na Avenida Atlântica é metamorfoseada por um monstruoso inseto que lembra, estranhamente, Clarice Lispector. “Eles dois” é outra história de amor singela, desta vez ambientada em Belo Horizonte. “O corpo” foca uma manhã em um casal qualquer, uma manhã qualquer atravessada por uma morte anônima. “Amor a Buda” inscreve-se em outra linhagem narrativa de Sant’Anna: o comentário ficcional-ensaístico a uma obra de arte – no caso, a escultura *Tentação*, do chinês Li Zhanyang, em que uma bela jovem seduz Buda (aliás, a capa do livro).

E por fim, o conto-título, “O homem-mulher”, que é dividido em dois. A abertura do livro, leve e divertida, e seu encerramento, trágico, autocrítico e dobrado sobre si mesmo – a construção *mise en abîme* erigida com simplicidade –, em que um sedutor paraense que se veste de mulher para seduzir moçoilas tenta a sorte como ator no Rio de Janeiro escrevendo a peça *Os desesperados*, sobre uma trupe teatral morta de fome: os personagens são os próprios atores. Para não tirar a graça do desfecho, diga-se que o Bruxo das Laranjeiras brinca com um dos grandes clichês do teatro, criado pelo também grande contista Anton Tchecov: “Se no palco se encontra uma espingarda no primeiro ato, no último ato ela terá de disparar”. A narrativa, que dá origem a outras narrativas, como em um jogo de espelhos, tem requintes metalinguísticos que atuam como uma espécie de lente de aumento, aproximando ou distanciando a fábula de sua crítica, abrindo-se para possibilidades insuspeitadas. Tão transgênero quanto o protagonista é o próprio cimento do texto, formado pela narrativa e também pelo ensaio sobre si mesma. O intimismo da história, que inicia com certo tom ingênuo, acaba por ser revolido, mastigado e triturado pela frieza irônica do narrador, como quem ecoasse Cartola: “Do amor herdarás só o cinismo”. Um feito só possível a este autor reflexivo – mas com diabólicas aberturas ao mundo exterior – como Sérgio Sant’Anna.



CAPA

Sobre a beleza do texto que “desafina”

O concerto de João Giberto no Rio de Janeiro ganha edição revista pelo autor

Schneider Carpeggiani

Ao contrário do modernismo e suas vanguardas, o escritor contemporâneo já não escolhe a decisão do novo e da ruptura com a facilidade belicosa de antes. Mas escolhe a página em branco e seus limites. Escolhe uma ideia, ou lembrança, uma primeira palavra, depois a frase. E continua. “Como se escolhe uma camisa, um filme, um itinerário de viagem, um partido político, incorpora-se um destino”, escreve Sérgio Sant’Anna, no conto que abre a nova versão, revista pelo autor, de *O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro*, lançado originalmente no começo dos anos 1980.

A reedição traz de volta às livrarias não apenas um dos melhores trabalhos de Sérgio, também da literatura brasileira das últimas décadas. Aqui está um realismo fragmentado, metaficcional, em que a história está sempre “por começar” (como já apontou Silviano Santiago). “Por começar” porque não importa mais onde estamos na história. A história já não precisa de nós; ela tem as suas regras próprias, suas idiossincrasias. Não é possível mais apenas contar.

Sérgio problematiza, no conto que nomeia o livro, um dos signos mais caros para a literatura recente: o fantasma, justamente a figura que não precisa de inícios ou de fins. Ele é a própria essência daquilo que se busca, ou se escolhe, diante de uma página em branco. E por fantasma, o seu fantasma, entenda-se João Gilberto, o maior espectro da cultura brasileira dos últimos 50 anos. O homem que ergueu uma obra para justamente se dissolver dentro dela, para ser ela e talvez não mais ele próprio.

Encontramos a bossa nova em casa, no restaurante por quilo, na novela, nos filmes hollywoodianos que querem ser levados a sério... A bossa nova, sim, ainda vagueia com seu violão por aí, mas João não está em lugar algum, concretamente em lugar algum. Há quem construa uma casa apenas para abandoná-la.

“É um fantasma vivo, não aparece, mas suas músicas estão em toda parte. E a personalidade do João é interessantíssima, esse negócio dele sumir, não badalar nunca e, no entanto, ser idolatrado, merecidamente. É um dos maiores artistas brasileiros de todos os tempos”, apontou Sérgio, em entrevista por e-mail.

“Em um daqueles apartamentos mora um senhor estranho, de óculos bem grandes. Ele é famoso no mundo inteiro, todos conhecem suas canções, qualquer um poderia assoviá-las de improviso, mas muito poucos o reconheceriam na rua. Isso se deve ao fato de ele nunca sair para a rua. Há trinta anos vive escondido em seu apartamento, levando uma vida oposta à das pessoas: levanta-se quando os outros vão dormir e vai se deitar quando os outros estão acordando, como um fantasma. Quase ninguém chega a vê-lo de fato. Em algum lugar, lá no alto, mora João Gilberto – o cantor e violonista que, há mais de cinquenta anos, presenteou o mundo com a Bossa Nova. ‘Garota de Ipanema’, por exemplo. E, desde então, permanece calado.”

(Marc Fischer, no livro *Ho-ba-la-lá*).

Assim como vampiros, fantasmas inspiram uma larga bibliografia. Uma das melhores, e recentes, é o curioso relato investigativo de *Ho-ba-la-lá* (Companhia das Letras, 2012). O jornalista alemão Marc Fischer escreveu uma espécie de diário da sua fixação por João Gilberto, que o levou a gastar todas suas economias numa viagem ao Brasil para que o músico lhe concedesse uma serenata particular, marcada apenas pela canção onomatopéica que nomeia o livro.

Detetive selvagem, Fischer varre o Rio de Janeiro, entrevista pessoas próximas ou supostamente próximas a João e nada. Nem de longe consegue ver um vislumbre do espectro que tanto persegue. Mas acaba compreendendo, numa difícil educação emocional, que achar João é justamente nunca encontrá-lo. João é ho-ba-la-lá.

Pouco antes do livro ser lançado, Marc Fischer acabou tirando a própria vida.

Ao contrário do investigador alemão, o conto *O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro* é erguido não pelo fascínio de encontrar João Gilberto, mas justamente pela consciência de que sua ausência pode ser tão fascinante quanto sua presença, quanto sua própria música. Um concerto de João é marcado para ocorrer na extinta e folclórica casa de shows Canecão. No dia do espetáculo, por discordar da estrutura oferecida, decide não mais se apresentar. Imprensa e público se dividem em relação à sua decisão. Sérgio, como

JANIO SANTOS



personagem de si mesmo, entra numa crise sobre a construção da narrativa dessa ausência. O não ser como performance. A sombra como holofote. Isso é João Gilberto. E é também disso que as histórias de verdade são feitas, de desacontecimentos.

Numa tradição literária tão fascinada por grandes temas e arrebatamentos, Sérgio é grande por olhar para o minúsculo, por também saber escrever sobre a consistência da falta. *O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro* é como aquela canção famosa da bossa nova: é um texto *Desafinado*.

*“Léo: Você viu o negócio do João Gilberto?
O autor: Que que foi, não deu o show?
Léo: É
O autor (sorridente): Eu já esperava. No Canecão, com aquele som do Canecão, eu já esperava.
Léo: Mas e o espírito profissional?
O autor (categórico): Se fosse outro qualquer, ainda vá lá. Podia dar um show mais ou menos, só pras pessoas verem o espetáculo, o ídolo. Mas João Gilberto, não. João Gilberto é a nota musical, o som. Ele só existe nesta medida. Uma medida que amplia a consciência do público para o som exato, a sílaba. Seu modo de cantar é um manifesto musical. O ‘Desafinado’, por exemplo. É um manifesto. Como o ‘Muito romântico’, que o Caetano Veloso fez para o Roberto Carlos cantar.”*
(Sérgio Sant’Anna, em *O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro*).

É difícil dizer aqui o que seria um texto *desafinado*. É mais fácil apontá-lo: *O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro* desafina, assim como *A morte do pintor surrealista*



(presente em *Notas de Manfredo Rangel, Repórter*); *Voo da madrugada*, um dos contos mais fortes de Sérgio, não desafina. *Tubarões*, um dos meus textos favoritos de *O homem-mulher*, o seu livro mais recente de contos, desafina. Temos aqui um homem no momento fragmentado de quem acorda num quarto de hotel, madrugada se esvaindo lá fora, consciência pela metade tentando se completar de alguma forma. De qualquer forma. *O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro* é sobre completar alguma coisa, ainda que a empreitada já seja impossível.

Sérgio lembrou do momento em que criou a narrativa desafinada de *Tubarões*, deixando claro que a literatura lhe ocorre como a sensação forte de algo, seja a frustração de um show cancelado ou de avisos de “perigo” à beira-mar:

“Quando cheguei ao Recife (N.E: o autor foi um dos convidados do *Festival de Literatura do Recife* de 2013), o motorista que me pegou no aeroporto, me mostrou orgulhosamente as praias da cidade etc. Aí me contou o caso da moça atacada (e acabou morrendo) pelo tubarão dias antes, na praia da Boa Viagem (se não me engano), justamente em frente ao hotel onde eu ficaria. E falou para eu não nadar lá de jeito nenhum. E vi aqueles cartazes arrepiantes, como uma espécie de pop art mórbida, prevenindo as pessoas da presença de tubarões na costa. Aquilo mexeu muito comigo e tinha mesmo de sair um conto.”

“Ele voltou-se para dentro do quarto, achou os interruptores de luz, olhou para o relógio e viu que eram quatro horas da madrugada e lembrou-se de que devia acordar às quinze para cinco, para tomar o avião às seis. Aliviou a bexiga, voltou para a cama, apagou as luzes dali mesmo, mas não voltou a fechar a cortina.

“Mas João Gilberto, não. João Gilberto é a nota musical, o som. Ele só existe nesta medida. Uma medida que amplia a consciência”

Nem valia mais a pena dormir, pois tinha pedido na portaria que o despertassem dali a quarenta e cinco minutos. Acabou por adormecer, mas não sem antes pensar que do outro lado da avenida havia uma praia, onde podiam estar nadando tubarões a essa hora, inclusive o que matara a moça. E, com um arrepio, pensou no momento em que a fera cravara os dentes na coxa da moça e que todos nós, de um modo ou de outro, podíamos ser atacados por monstros diversos”

(Sérgio Sant’Anna em *Tubarões*).

PERNAMBUCO Nos últimos anos, você tem revisado e se debruçado novamente em obras antigas suas. O que significa esse processo de rever um livro: eles não estariam nunca prontos?

Você estaria insatisfeito com o resultado de uma parte da sua obra?

SÉRGIO SANT’ANNA - Não é bem debruçar-se sobre obras antigas. Os meus três últimos livros eram inéditos. Desde 1989 publico pela Companhia das Letras e as edições são muito boas. Reeditei *Um romance de geração* porque a edição da Civilização Brasileira era muito ruim. Mas é um dos livros meus de que gosto menos. Já *A tragédia brasileira* e *O concerto de João Gilberto* são obras muito queridas, mas também foram mal lançadas pelas editoras Guanabara e Ática. Além disso, não estavam disponíveis no mercado. Então dei uma trabalhada nesses livros e relancei-os pela Companhia das Letras, que fez um belo trabalho. Estou muito satisfeito com ambos e tenho certeza de que o público apreciará *O concerto*, que foi uma homenagem ao artista, que acho um gênio. E achei muito interessante fazer uma obra sobre um concerto que ele não deu, mas homenageando-o de todos os modos e também outros artistas brasileiros que aprecio muito e pegaram uma carona no livro, alguns deles amigos meus. Também estou muito contente de relançar a obra, que é um apanhado sobre a cultura brasileira (e até estrangeira) no início dos anos oitenta.

O LIVRO



O Concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro
Editora Companhia das Letras
Páginas 224
Preço R\$ 41,00



PERFIL

Os livros que ergueram uma segunda vida

Ex-editor da *Bravo!* fala de como sua relação com a literatura foi um recomeço

Carol Almeida

ARTE SOBRE FOTOS DE DIVULGAÇÃO



Um estreito armário de vidro com quatro modestas prateleiras. Esse é todo o espaço que sobrou na casa de Ricardo Lombardi para guardar os livros dos quais não consegue abdicar. Aqueles que ele pretende guardar para os dois filhos, os que vigiam a sala com o conhecimento do mundo em versão compilada. Ficaram a obra completa de Machado de Assis, todas as peças de William Shakespeare e alguns clássicos do jornalismo como *Fama e anonimato*, de Gay Talese, e *A vida como performance*, de Kenneth Tynan. Todos os outros milhares de livros que ornavam as paredes da casa, e acalentavam o sono de Ricardo em seus dias borgianos, estão agora à disposição e serventia do mundo aqui fora. Ocupam uma pequena garagem no meio de uma dessas ruas tranquilas do agitado bairro de Pinheiros, cidade de São Paulo, onde podem e devem ser abertos por novos olhos.

Em um processo de completo desapego de seu vasto acervo literário, Lombardi, jornalista e até hoje responsável por um blog de resenhas literárias no *Estadão*, decidiu este ano realizar um projeto que já vinha sendo pensado há pouco mais de um ano. Surge então o Desculpe a Poeira, um espaço que, em uma primeira mirada, se assemelha a um sebo naqueles moldes que os sebos tinham antes de se transformarem em pilhas desordenadas de livros. Após um passeio mais atento entre suas estantes, o local adquire uma atitude mais semelhante à de uma coleção particular à venda, com uma perceptível coerência de temas, linguagens e sabores. Se constroem caminhos ali entre Gabriel García Márquez, Charles Bukowski, Paul Auster, James Ellroy, James Joyce, Franz Kafka, J.D. Salinger, Guimarães Rosa, Machado de Assis e, por que não, J.K. Rowling. 70% desses livros, até bem pouco

tempo, se encontravam na casa de Lombardi. Os 30% restantes foram doações de amigos e compras recentes feitas para incrementar a lojinha da rua Sebastião Velho. Ao todo, dispostos na garagem alugada a preço módico (o espaço pertence à mãe dele) estão 1300 títulos. Outros 3700 que também serão colocados à venda estão ainda guardados no apartamento acima da garagem.

A intenção, definitivamente, não é a de criar mais uma livraria ou de ceder aos modismos tipicamente paulistanos que facilmente classificariam tal empreitada como um tipo de “sebo gourmet”. As intenções do ex-diretor de conteúdo do *Yahoo*, ex-editor da falecida revista *Bravo!* e ex-portador de crachás de vários outros conglomerados de comunicação é tão simples que chega a ser novo. Ele quer vender livros porque acredita que as pessoas vão gostar de lê-los. Tal como um psicólogo de percepções instantâneas e intuitivas, desses que sabe manter uma longa conversa de boteco, Lombardi se sente hoje à vontade para identificar em seus interlocutores desejos e entusiasmos literários que eles até então desconheciam. “É preciso um pouco de traquejo para conversar com as pessoas. Muitas vezes, elas leem coisas não tão interessantes do ponto de vista literário apenas por falta de informação. Alguém que lê *50 tons de cinza* pode muito bem ler um Reinaldo Moraes, Ricardo Lísias, Luiz Vilela, autores que escrevem de uma maneira simples, mas que são muito mais sofisticados no enredo, com histórias bem contadas”, acredita.

Não se trata, no entanto, de uma conversão ou evangelização literária. O desejo do proprietário do Desculpe a Poeira, segundo ele, é mesmo conseguir vender livros como um meio para conversar com as pessoas, e vice-versa, dialogar como o cami-



nho da venda. “A lógica hoje, muito encorajada pela internet, é assim: eu já sei o livro que quero. Vou lá, digito o nome e compro. A ideia do mundo analógico é entrar no espaço físico para ver se você descobre alguma coisa que não sabia que queria. É um outro caminho para se chegar num livro. Quero abrir espaço para essa conversa e facilitar um pouco esse encontro do autor com o leitor”, afirma.

Habilidoso em criar conexões e preservar uma memória de quase tudo que leu ou ouviu falar, ele consegue facilmente identificar predileções e aptidões de quem ainda, em meio à automação de um mundo já posto e cotado pelas redes sociais, se dá ao luxo de ser surpreendido. “Já aconteceu aqui de, no meio da conversa, o cara falar alguma frase que eu consigo conectar com algum autor que tratou daquele tema de um jeito diferente. Por exemplo, dia desses uma amiga minha queria uma literatura de viagem que tivesse a Itália no meio. E daí que agora estou recebendo um Henry James só de relatos de viagens com um capítulo inteiro dedicado à Toscana. Claro que ela já pediu para eu guardar o livro”.

Uma matéria sobre o empreendimento de Lombardi, na intenção possivelmente de criar uma ambiência *cool* à ideia, o chamou de “sommelier de livros”. Ele, que depois desse texto amplamente compartilhado na internet, recebeu visitas encaheadas de outros jornalistas incluindo esta que vos escreve, diz que não é para tanto. “Como jornalista, entendo a tentativa de chamar atenção com uma palavra assim, mas o fato é que estou aqui apenas como um leitor interessado em compartilhar experiências de leitura e, claro, se possível, ganhar dinheiro com isso”. A se falar em dinheiro, as atenções dadas ao novo trabalho de Ricardo

“Acho que o tempo é o maior luxo do mundo contemporâneo. É ele que eu quero ter de volta”, diz Ricardo Lombardi

Lombardi excedem, em muito, o escopo literário de sua iniciativa. Afinal de contas, estamos falando de um homem que desistiu de uma vida confortável que tinha dentro de uma corporação para abrir um negócio cujo objeto de venda é considerado hoje como um investimento comercial de alto risco.

Esse movimento de desaparego dos livros está sincronizado, portanto, com um desprendimento de vários outros itens que faziam parte do cotidiano de Lombardi, tais como carro (agora ele se locomove de bicicleta) e jantares em restaurantes caros. “Acho que o tempo é o maior luxo do mundo contemporâneo. É ele que eu quero ter de volta”, diz o jornalista enquanto conversamos numa mesa do lado de fora da garagem, onde o tempo de uma rua tipicamente domiciliar passa na contramão

da velocidade dos prazos, relatórios e demandas de última hora. Na balança, pesa mais agora o contato direto com o completo desconhecido. “Dia desses chegou um cara que é operário de uma obra aqui perto. Disse que não estava muito contente com o trabalho, porque gostava mesmo de fazer jardinagem e perguntou se tínhamos algum livro sobre isso. Minha assistente trouxe um sobre os jardins de Burle Marx e daí que esse homem ficou um tempão aqui lendo e trocando ideias sobre aqueles trabalhos.”

Os relatos de trocas não param. “Comecei a criar relações com as pessoas na rua e começo a conhecer gente de lugares distintos. Dentro de um escritório, isso não acontece. É o rapaz que trabalha numa oficina mecânica, a professora que vive por perto. Aliás, essa semana descobri que a biógrafa do Monteiro Lobato, a Márcia Lagos, mora nessa rua. Há alguns dias ela passou, conversou um pouco e disse que era escritora. Perguntei sobre o que escrevia e ela meio que soltou essa história de Monteiro Lobato. Depois, fui dar um Google e descobri que ela não apenas é biógrafa dele, como é curadora de toda sua obra. Tales Ab’saber (psicanalista conhecido e prêmio Jabuti em 2005 com o livro *O sonho restaurado*) também veio nos visitar e pegou cinco livros da coleção machadiana”.

A obra de Machado de Assis, aliás, é um dos trunfos do sebo/livraria de Lombardi. “Tenho uma boa coleção machadiana. Duas fileiras praticamente inteiras com crítica literária sobre ele. Coisas específicas como *O olhar judaico em Machado de Assis* até edições históricas da Garnier de obras dele, passando por correspondências, algumas delas raridades”, enumera. Como se percebe, o bruxo do Cosme Velho está na gênese do interesse do jornalista pela literatura. “Minha leitura mais intensa começou com os livros que muitas pessoas da minha geração conhecem, aqueles da Coleção Vagalume. Depois vieram os policiais vendidos em bancas de jornal, do tipo Ellery Queen e, claro, Agatha Christie. Mas a primeira paixão mesmo foi Machado, era o momento que eu estava começando a virar um homenzinho. É ele quem te dá a real do mundo. Ali você perde a inocência. Machado de Assis te dá a sensação de que a vida é perigosa.”

Assumido colecionador voraz de outros artigos culturais como discos e DVDs (“mas não mais”, frisa), Ricardo Lombardi herdou boa parte de sua coleção — e nela estão clássicos como a enciclopédia Britannica e a *História da literatura ocidental* — do pai que, não por acaso, era dono de um antiquário (Freud manda abraços). Não fosse esse montante já gigante de livros, ele recebe de amigos títulos raros, como os 59 volumes da coleção Lenin, que um colega, então integrante do Partido Comunista, trouxe para o Brasil depois de uma viagem a Cuba. Trata-se de uma edição rara, impressa na União Soviética, mas toda traduzida para o espanhol.

Com uma pequena parte de seu acervo já disponível na Estante Virtual, Lombardi afirma que a intenção é usar sempre a internet como uma alternativa de venda, mas não como o objetivo final, que é de concentrar esforços nas interações analógicas de sua garagem em São Paulo. Pretende agora colocar mais algumas mesas do lado de fora do local durante os sábados e, quem sabe, chamar amigos para debater alguns temas de interesse comum. Acredita que o gosto pela literatura só pode ser agora construído e sedimentado por essas relações diretas entre pessoas que, seja no boca a boca ou via contatos em redes sociais (e Lombardi acumula milhares de seguidores no Instagram, Twitter e Facebook), adquirem novos interesses.

Autor de um blog que pertence a um grande grupo de comunicação, e tendo passado por várias redações onde trabalhava com jornalismo cultural, ele admite que os jornais e os meios impressos deixaram de ser a primeira referência para potenciais leitores. Por outro lado, crê que esse retorno dos espaços públicos (virtuais ou analógicos) para trocas e formação de opiniões são a única alternativa possível para gerar interesse nos livros de ontem, hoje e amanhã. Otimista quanto às possibilidades do Desculpe a Poeira, ele aguarda, com todo o novo tempo adquirido que dispõe, a pergunta mais popular da casa: “o que você recomenda?”. Entre Harry Potter e Capitu, certamente ele vai achar algo de seu agrado.



RESENHA

A ilustração ao lado é, e não é, sobre a África

Nova edição da Granta repensa os valores de uma certa “literatura africana”

Ricardo Viel

HALLINA BELTRÃO



“**Nos últimos meses**, li uma série de romances de jovens escritores africanos, entre os quais o *Americanah*, de Chimamanda Adichie, *A beleza das coisas frágeis*, de Taiye Selasi, e *A cidade aberta*, do Teju Cole. O que distingue estes escritores das gerações mais velhas, dos ‘pais da literatura africana’, digamos assim, é a sua sofisticação e cosmopolitismo. Taiye Selasi, a mais recente revelação das letras africanas, é um bom exemplo do que acabo de dizer: nasceu em Londres, em 1979, e foi criada em Massachusetts, nos Estados Unidos, filha de um casal de médicos, mãe nigeriana e pai ganês. O livro dela, como o de Chimamanda e o de Teju Cole, traduz essa errância pelo mundo e um certo desapego às tradições. Ou melhor, creio que eles já não vivem o dilema estafado e enfadonho do confronto entre tradição e modernidade. A tradição só lhes interessa na exacta medida em que lhes permite afirmar uma certa modernidade. Ou enfim, como dizes, e muito bem, o pensamento deles tem mais asas que raízes. Trata-se – diz-me lá se não tenho razão – de uma geração pós-nacionalista: por um lado, estão mais preocupados em afirmarem-se como escritores do que como nigerianos; por outro, são bons saltadores de fronteiras, sentindo-se à vontade tanto em Lagos como em Londres ou Nova Iorque. As obras que produzem refletem com grande refinamento esta cultura global, e também por isso respondem a questionamentos que podem ser experimentados quer por um jovem nigeriano, quer por um qualquer habitante de Londres, Paris ou Lisboa dos nossos dias (para citar apenas três cidades com profunda influência africana).”

O texto citado acima faz parte de uma série de cartas que a revista literária *Granta – Portugal*, em sua quarta edição, publica entre os escritores José Eduardo Agualusa (Angola, 1960) e Mia Couto (Moçambique, 1955). Na saborosa troca de missivas entre os amigos há espaço para falar de futebol, sobre os livros que estão escrevendo, sobre o passado e o futuro das terras de ambos, e sobre a atual literatura africana. Ainda na carta citada acima, Agualusa diz

a Mia Couto: “Creio que tanto em Angola quanto em Moçambique temos muito a aprender com estes exemplos. A letargia em que caiu a literatura angolana tem a ver com uma série de motivos, entre os quais o escasso investimento na cultura e na educação. Acredito, contudo, que passa também por um fechamento ao mundo – a prevalência de um nacionalismo estreito, de que estes jovens escritores já se libertaram. Admito que possa haver boas surpresas na literatura angolana nos próximos anos, mas presumo que os seus protagonistas serão (como está a acontecer na Nigéria) jovens nascidos no estrangeiros, ou com uma larga vivência no exterior, com acesso à grande literatura universal e a todas as expressões de modernidade.” Na resposta, Mia Couto fala da diáspora dos escritores africanos, e pontua: “Uma vez participei numa conferência internacional de literatura africana. Era uma mesa redonda de uns dez escritores e eu era o único que vivia em África”.

As cartas de Mia e Zé, como carinhosamente se chamam nas mensagens, são apenas uma das atrações da revista portuguesa. Nascida há dois anos, a *Granta Portugal*, uma versão da prestigiada revista literária criada por estudantes da Universidade de Cambridge em 1889, escolheu como assunto para o seu quarto número a África. Antes, os temas havia sido mais subjetivos: Eu, Poder e Casa. Ou não será que a ideia de África é algo tão difícil de descrever e pessoal como os assuntos anteriores? Com a palavra Carlos Vaz Marques, editor da publicação: “O que aqui se apresenta são partes da África. Pelo confronto entre os textos traduzidos da *Granta* de língua inglesa com os inéditos de autores de língua portuguesa escritos para esta edição é possível perceber de um modo muito agudo quão diverso é um continente tantas vezes tratado como entidade homogênea. Todos estes textos, todos estes autores são casos singulares. Nada disto é a África, tudo isto é África. Caso a caso, história a história, num *puzzle* de vidas e culturas impossível



de reduzir a um desenho único. Como já alguém escreveu, os plurais são sempre totalitários”, diz. “África foi-me servida desde a infância como um clichê. O tempo dos clichês está longe de ter acabado”, acrescenta o jornalista e editor português.

Tentar encontrar algo em comum num universo tão grande. Em escritores que tiveram vidas tão diferentes e influências literárias completamente distintas – até por conta da história de reparto do continente entre “potências” no século passado – funciona? A proposta é ousada e perigosa, mas o resultado é positivo. A revista funciona justamente porque não pretende fazer um retrato, mas talvez muitos e oferecer ao leitor um mosaico que pode, esse sim, dizer algo sobre esse pedaço do mundo – e da literatura que se faz ali ou a partir dali – tão atraente quanto desconhecida pela grande maioria dos que não são de lá.

POR DENTRO DA GRANTA

Durante 350 páginas a publicação traz uma ampla variedade de textos (diários, ensaios, contos, memórias, cartas, crônicas e extratos de romances) assinados por escritores – jovens ou nem tanto – cuja relação com a África são as mais diversas: filhos de portugueses nascidos nas antigas colônias, portugueses que se tornaram africanos quando houve a descolonização, filhos de africanos nascidos na Europa ou na América, europeus que foram atraídos pelo continente e vice-versa. Ilustra a revista um ensaio fotográfico de Délio Jasse que mostra uma África urbana, muito diferente do imaginário coletivo, e desenhos de Alain Corbel, um francês radicado nos Estados Unidos que tem como área de pesquisa os países lusófonos do continente africano.

Teju Cole pode ser uma boa imagem do complexidade que o rótulo “escritor africano” acaba por esconder. Nascido em Nova Iorque (1975), viveu a infância e parte da adolescência na Nigéria (terra dos pais). Escreve em inglês e a presença da África é uma constante em sua obra. *Open city*, romance que

“Uma vez participei de uma conferência internacional de literatura africana. Era o único que vivia em África”, diz Mia Couto

impulsionou seu nome e lhe rendeu vários prêmios, é fruto do olhar de um filho de imigrantes em uma Nova Iorque pós queda das Torres Gêmeas. Em *A água não tem inimigos*, texto publicado na *Granta*, Teju Cole se debruça sobre o significado de regressar a uma terra que ao mesmo tempo é e não sua. “Aquilo que sinto de cada vez que entro na Nigéria não é propriamente pânico; é antes uma impressão de fragilidade, de ser agora mais vulnerável a acidentes e incidentes, como se um qualquer véu de proteção invisível me tivesse sido retirado, e o destino, com toda a sua hostilidade acumulada, me pudesse vibrar um dos seus golpes a qualquer momento”. E prossegue: “Quando estou nos EUA, discuto com os que acham que Lagos é um lugar demasiado perigoso para se visitar. Digo-lhes que cresci nesta cidade, que deambulei pelas ruas de Lagos durante dezessete anos, sem que nada de mal me acontecesse. Faço notar que é uma cidade de vinte e um milhões de habitantes, que acordam de manhã, escovam os dentes, vão para o trabalho, suportam as

contrariedades, ficam parados nos engarrafamentos, chegam a casa à noite para jantar com os filhos e vêem telenovelas antes de irem para a cama e comecem tudo de novo no dia seguinte. Há infra-estruturas modernas, há divertimento, há tédio; não é um campo de batalha. As pessoas de Lagos levam vidas normais em circunstâncias normais, assim como sucede com as pessoas de Londres, de São Francisco e de Jacarta.” Embora desmitifique alguns clichês, o escritor termina por descrever a existência de uma violência e tensão na cidade que ele e os amigos “adoram detestar”. Relata um assalto à luz do dia: “O homem não para de gritar. Nunca me tinham apontado uma arma carregada. Quem é este homem? Que abismo de miséria o levaram a este extremo? Fuzila-nos com um olhar tão duro, tão empedernido, que estou certo de que não nos vê, de que vê apenas o que imagina que nós representamos”. E demonstra que tudo, por sorte, é mais complexo do que os olhares estereotipados que os jornais nos tentam vender.

Também há espaço na publicação para a simplicidade e a beleza da vida, como no relato que Mia Couto faz sobre sua infância vivida numa casa colonial em *Quando me fiz escritor?*. “Numa outra ocasião me terei feito escritor: quando os meus pais nos contavam histórias. Não se tratou nunca do valor das histórias, que delas não me recordo. O que lembro, com fulgor de coisa viva e presente, é a paixão que a minha mãe e o meu pai colocavam no contar dessas fábulas. Era como se, mais do que a nós, eles invocassem vozes antigas que faziam contas com a saudade da sua terra natal e faziam regressar os ausentes. Era uma espécie de missa, de momento sagrado”. Aminatta Forma, escritora escocesa que cresceu entre Serra Leoa e Reino Unido, também traz beleza e humanidade em *O último veterinário* ao contar sobre o salvamento de Mathilda, uma cachorra que tirou da rua em Freetown. Um dia a cadela desapareceu. Foi achada por um vizinho na estrada, havia sido atropelada. Levaram-na embrulhada numa toalha ao veterinário, que não tinha um Raio X. Conseguiram que em uma clínica privada lhes deixassem usar o aparelho. O resultado foi que, por sorte, a cachorra não havia fraturado a bacia. Não seria necessário sacrificá-la. “Com o tempo, a Mathilda foi recuperando, embora ficasse com um característico saltitar de lado. Certo dia, durante um jantar no Alto Comissariado Britânico, contei esta história. Os meus ouvintes eram sobretudo expatriados, pessoas enviadas para o país na sequência da guerra, por esta ou aquela questão. Um homem protestou com a perda de tempo e de dinheiro com um animal num país onde as pessoas tinham tão pouco.” Para a escritora, não havia contradição naquele gesto que de solidariedade a um bicho que envolveu várias pessoas de um dos países mais pobres do mundo. “Não vi tolice nem complacência em todas essas pessoas que se reuniram num único dia para salvar a vida de um cão de rua. O que vi foi compaixão, sentido de comunidade, azedume adoçado. Por outras palavras: vi esperança”.

A *Granta* dedicada à África fecha com um provocativo texto do queniano Binyavanga Wainaina, fundador da revista literária *Kwani?* e responsável por descobrir novos talentos das letras do continente. Sua crônica se intitula *Como escrever acerca de África* e vem carregada de ironias como: “Certifica-te de que pões em relevo que os africanos têm a música e o ritmo impregnados no mais fundo da alma, e que, além disso, comem coisas que mais nenhum ser humano consegue comer”. Ou: “No teu texto, aborda África como se fosse um só país. É um lugar quente e poeirento, com ervaçais suavemente ondulados e enormes manadas de animais e habitantes altos e magros que estão cheios de fome (...) Não te deixe atolar em descrições pormenorizadas. África é enorme: cinquenta e quatro países, novecentos milhões de pessoas que estão demasiado ocupadas a passar fome e a morrer e guerrear-se entre si e a emigrar para lerem o teu livro”.

E porque embora África não seja só isso, mas também isso, há, nos vários textos que acompanham a publicação, espaço para paisagens e animais, e relatos sobre as guerras, o colonialismo e a miséria. As descrições variadas e ricas ajudam o leitor a pensar muito além dos clichês, e talvez sejam suficientes para convencê-los de que há, sim, algo – talvez um cheiro, um toque, uma atmosfera – que justifique o uso do selo “literatura africana” não só para facilitar a vida dos livreiros e fazer a alegria financeira das editoras. Algo que permite que o projeto de se editar uma revista literária cujo tema é África seja bem sucedido.

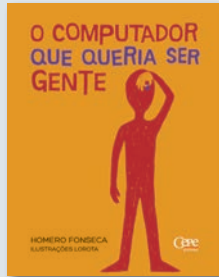


HUMOR, AVENTURA E HISTÓRIA EM LIVROS PARA ADULTOS E CRIANÇAS



Assine.
Revista Continente.
Conteúdo é tudo.
0800 081 1201

e-mail: assinaturas@revistacontinente.com.br



O COMPUTADOR QUE QUERIA SER GENTE
Homero Fonseca

Certo dia, Joãozinho, um garotinho de 10 anos, e Ulisses, seu computador, decidem trocar de lugar por 24 horas. A máquina queria saber como é ser um humano, por pensar que teria toda liberdade que quisesse.

R\$ 30,00



ALGUÉM VIU MINHA MÃE?
Pedro Henrique Barros

Uma menina e uma joaninha vivem o mesmo dilema: uma série de mal entendidos faz com que se sintam abandonadas pela mãe até que os problemas se resolvem e elas compreendem que são muito amadas.

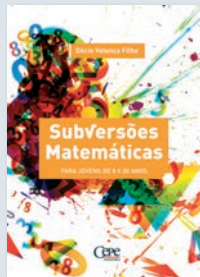
R\$ 20,00



ERA UMA VEZ...
Gabriela Kopinitz dos Santos

A personagem Cigana Contadora de Histórias, criada pela jornalista Gabriela Kopinitz, que costuma ser levado à escolas para sessões de contação, transforma-se em protagonista e narra várias de suas historinhas nesse livro, que promete encantar as crianças.

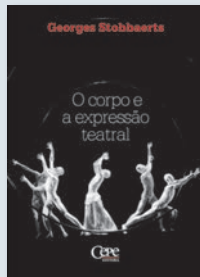
R\$ 40,00



SUBVERSÕES MATEMÁTICAS - PARA JOVENS DE 8 A 80 ANOS
Décio Valença Filho

Jogos, quebra-cabeças e brincadeiras que utilizam o raciocínio lógico compõem o livro de Décio Valença, engenheiro que se intitula “matemático amador” por ser um apaixonado desta ciência. Inclui historietas atribuídas a gênios da matemática, e decifra os problemas mais difíceis.

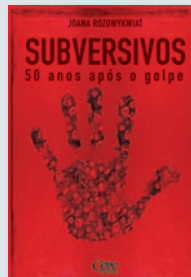
R\$ 40,00



O CORPO E A EXPRESSÃO TEATRAL
Georges Stobbaerts

O livro nasceu das experiências do autor, que aliou a prática de Judô, Kendo, Iaido e Aikido, as filosofias Zen e Yoga e a formação de atores, resultando numa articulação entre a arte e o movimento, da qual nasceu o projeto Tenchi Tessen, que se baseia em reflexão, meditação e ação.

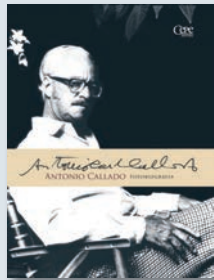
R\$ 25,00



SUBVERSIVOS: 50 ANOS APÓS O GOLPE MILITAR
Joana Rozowykwiat

Alguns dos “subversivos” que atuaram em Pernambuco após o golpe militar de 31 de março de 1964, entre os quais Luciano Siqueira e Humberto Costa, abrem o coração, revelando como se sentem em relação ao passado e o que esperam para o futuro do Brasil. O livro nasceu da tese de pós-graduação em Jornalismo Político da autora.

R\$ 25,00



ANTONIO CALLADO FOTOBIOGRAFIA
Ana Arruda Callado (Org.)

Organizado por Ana Arruda Callado, viúva do biografado, *Antonio Callado Fotobiografia* percorre toda a trajetória do escritor, dramaturgo e jornalista, numa sucessão de textos curtos e saborosos.

R\$ 90,00



ÚLTIMO PORTO DE HENRIQUE GALVÃO
Ana Maria César

Minuciosa pesquisa sobre o ambiente que cercava o capitão Henrique Galvão, comandante do navio português Santa Maria, que atracou no Recife em 2 de fevereiro de 1961, com 871 pessoas a bordo. Galvão apoderou-se do navio em protesto contra a ditadura salazarista, e recebeu asilo político concedido pelo recém empossado presidente brasileiro Jânio Quadros.

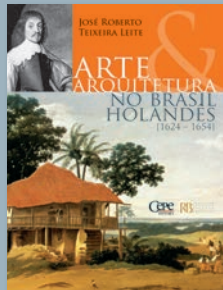
R\$ 45,00



POEMAS 2
Daniel Lima

Poemas 2 reúne as obras inéditas Cancioneiro do Entortado e Dernantonte, que aproximam uma expressão popular nordestina e uma brincadeira ou canção antiga, num jogo de palavras que revela o apelo à afirmação de alguém que encontra na poesia o meio de, mergulhando em seu íntimo, entregar ao leitor o que descobriu nas profundezas de si próprio.

R\$ 40,00



ARTE & ARQUITETURA NO BRASIL HOLANDESES (1624-1654)
José Roberto Teixeira Leite

Resultado de 50 anos dedicados ao estudo contínuo das artes e arquitetura no período da dominação holandesa no Brasil, o livro de José Roberto Teixeira Leite, *Arte e Arquitetura no Brasil Holandês (1624-1654)*, se debruça especialmente sobre a Arquitetura, o Urbanismo, a Jardinística e a Cartografia, sem esquecer da Literatura, do Teatro, da Música e das artes decorativas.

R\$ 60,00



A EMPAREDADA DA RUA NOVA

Livro mítico da literatura pernambucana, *A emparedada da Rua Nova*, escrito por Carneiro Vilela, deve seu sucesso, em grande parte, ao mistério que cerca sua criação: o autor teria retratado um crime verdadeiro e hediondo, em que uma moça indefesa fora emparedada viva, pelo próprio pai, “em defesa da honra da família”? Ou teria Vilela, usando recursos estilísticos de grande qualidade, criado a estória que, de tão bem construída, faz com que até hoje muita gente acredite que ele se baseou em fatos reais?

R\$ 45,00

Cepe
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** livros@cepe.com.br



INÉDITOS

Antonio Geraldo

KARINA FREITAS

o escritor

pagou a edição com dinheiro do próprio bolso, 2000 exemplares, papel pólen soft 90g, capa 4 cores, miolo costurado, 448 páginas, ele mesmo escreveu a orelha, mas não teve coragem de assiná-la nem de inventar outro nome, *não posso criar em mim alguém que poderia, por acidente, sobrepor-se a mim*, talvez algum receio de que aquilo pudesse trazer mau agouro, foi isso, daí a crítica sem autor, vazia de homem e de si, recebeu a edição em casa, numa tarde de quarta-feira, chuviscava, algumas caixas ficaram pintalgadas de água, marcas que foram desaparecendo aos poucos, enquanto o escritor respirava, porque o medo da chuva o obrigara a ajudar na operação apressada de descarregá-las do caminhão-baú, pintas que deixaram a leve memória de um mínimo intumescimento na pele do papelão, quase imperceptível, recidiva que se impunha como possibilidade perpétua, sim, respirou de novo, riu da situação com refinado falso desgosto, o peito chiando de leve, então esticou os braços, cansado, avaliando o trabalho e os músculos desacostumados ao peso das letras que não fosse aquele cujas pontas dos dedos carregaram sem esforço por dez anos de escrita e reescrita diárias, é agora, disse para si, e passou incontáveis horas tirando os livros das caixas, sem descanso, não poderia descansar, nunca mais, tinha certeza disso, nunca mais, então foi dispondo com paciência os 2000 volumes nas prateleiras de madeira da biblioteca até então inabitada, estante inteiriça de jacarandá da bahia, feita sob encomenda, seguindo as rigorosas medidas que repassou ao marceneiro, peça que tomaria toda uma parede com exatidão premeditada, como sempre imaginara, e qual não foi seu espanto quando percebeu que sobraria um espaço vazio na última prateleira, como de fato sobrou, ele tremia com o desastre que se ia anunciando conforme os livros da última caixa se esgotavam, e eles se esgotaram, revirou o papelão que se amontoava, algum pacote perdido naquela

barafunda de caixas vazias?, não, que nada, contou os volumes, imaginando um erro da gráfica, não, não, 2000, 2000 volumes, não podia acreditar naquilo, cerca de 30 centímetros vazios na estante, pegou a régua, 34 centímetros e 3 milímetros, 34,3 centímetros sem livro algum, vazios, vazios, trezentos e quarenta e três milímetros, 343, caramba, calculei com tanto cuidado, meu deus, alguma muito pequena diferença, multiplicada por 2000, deixara no alto do móvel aquele buraco, aquela fenda inexplicável, espaço vazado como o olho cego que, doravante, o espiaria ininterruptamente por todos os dias que lhe restassem, tempo que passou então a contar ansiosamente sem que ele mesmo o soubesse, pegou a calculadora, erro de 0,1715 mm por livro, os ineptos da editora, poxa, pedi com tanta insistência, frisando o absoluto rigor, absoluto, porque a literatura só vai sair do buraco assim, e agora isso, meu deus, quase dois décimos de milímetro por livro, caramba, ele balançava a cabeça como se o movimento ritmado daquele pêndulo natural pudesse fazer a lacuna desaparecer aos poucos a cada ciclo negativo de um balangar mais e mais inconformado, ele, que agora tinha uma biblioteca de 2000 exemplares, escritor que, não obstante o cômodo com todas as peças do mobiliário tão bem dispostas, haveria de suportar a observação continuada daquele rasgo impalpável no alto de sua estante, estrutura que abrangia toda a parede, a não ser pelo poço do buraco sem fundo de um espaço sem livros, ele, autor que, com 2000 volumes à sua disposição, jamais ousaria abrir um só deles, nem um, nem pela curiosidade de folhear aquelas páginas, nada, 2000 volumes finalmente intocados, 2000, tornou-se, pois, como um dia sonhara ser, o único e mais completo desconhecedor de sua própria obra, tão bem acomodada nas estantes de madeira, ou quase, não fosse aquele olho vazado do destino em vão, aquele olho vazado, aquele olho, olho vazado, vazado, vazado



INÉDITOS

Ricardo Aleixo



Queridos dias difíceis

*Queridos dias difíceis,
acho que já deu – embora*

*eu considere prematuro
um definitivo adeus.*

*Querendo, voltem. Minha
casa é de vocês. Agora,*

*pensem bem se será mesmo
saudável nos testarmos em*

*novos convívios tão longos
(também não sou fácil) como*

*foi desta vez. Menos mal se
vierem em grupos – tantos,*

*em tais e tais períodos do mês.
Topam correr o risco? Vão resistir*

*até o fim? Podem vir, eu insisto.
Mas contem primeiro até três.*



INÉDITOS

Carlos Moreira



Casamento

devorou a noiva
devorou o padre
e os padrinhos

...
palitou os dentes
com o broche
da futura sogra

limpou a boca
e as mãos vermelhas
na toalha do altar

saiu assoviando
a marselesa
em tom de samba

RESENHAS

JANIO SANTOS SOBRE REPRODUÇÃO



Das imagens e suspeitas que criaram o mundo

Ensaio investiga as teias de surpresas e superstições que marcaram os colonizadores

Schneider Carpeggiani

É possível traçar o início do tom maravilhoso e de assombro que marcou o clichê da literatura hispano-americana durante o século 20 via as descrições de incredulidade dos colonizadores. O espectro que Gabriel García Márquez empregou a Macondo, por exemplo, retoma essa expectativa utópica. A significação eufórica da América para o homem europeu, que vai desde o espetacular impacto do descobrimento até pelo menos os fins do século 18, fez-se pela incorporação de mitos e lendas dos testemunhos narrados dos primeiros viajantes. São frequentes nos cronistas da época expressões como ‘encantamento’, ‘sonho’, ‘maravilha’, ‘não sei como contar’, que denotam o assombro natural diante do desconhecido.

A formação desse imaginário é justamente o ponto que Alfredo Cordiviola, professor do Departamento de Letras da UFPE, investiga no livro de ensaios *Espectros*

da *Geografia Colonial – Uma topologia da ocidentalização da América*. A obra parte justamente da *Utopia* de Thomas Moore, texto fundador da perspectiva de utopia e decisivo para entendermos as necessidades de recriação vividas por uma Europa que precisava ultrapassar seus limites e superar sua angústia de terra já exausta, em crise. Apesar dos perigos iminentes do Desconhecido, o Novo Mundo poderia ser também um paraíso possível.

É o caso, por exemplo, da ilusão do espanhol Antonio de León Pinelo, que acreditava ter encontrado no Novo Mundo uma espécie de mapa do paraíso. “A existência do paraíso era inquestionável, mas não a sua localização: as hipóteses podiam ser depuradas mediante complexas tramas de exploração tanto da topografia do mundo conhecido quanto das palavras que o definiam”, aponta Cordiviola. O Novo Mundo se

sustentava, então, como a comprovação de uma investigação antiga. O espanhol estava longe de ser o primeiro a interrogar documentos, enigmas e instituições em busca da localização precisa do Paraíso Terrestre. “Tanto a iconografia quanto a literatura tinham se especializado em retratar esses mundos que estavam além do mundo imediatamente cognoscível. As imagens que, nas superfícies planas dos muros, das telas e dos livros, multiplicavam as cores e a abundância dessa terra dos deleites, cristalizavam definitivamente o paraíso como um lugar visível e que devia ser visto e evocado pelas gerações dos homens”, aponta Cordiviola.

Ao fazer uma investigação de como esses colonizadores enxergaram e ergueram as novas terras em seus inconscientes, segundo Cordiviola, continuam pautando até hoje o comportamento dos turistas: “Enquanto

os turistas percorrem a Europa meridional em procura de grandes espetáculos de devastação e abandono, os naturalistas que examinam outras geografias e fronteiras criam maneiras de observar e catalogar o mundo natural que complementam as percepções dos viajantes solitários”. Sim, sempre haverá alguém ou algum lugar para ser chamado de exótico.



ENSAIO

Espectros da geografia colonial

Autor – Alfredo Cordiviola

Editora – Editora Universitária UFPE

Preço – R\$ 45,00

Páginas – 306

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

BIENAL DE PESQUEIRA

Zeferino Galvão é o homenageado da I Bienal de Pescaieira, que acontece entre 9 e 13 deste mês

Zeferino Galvão, morto há 150 anos, romancista, poeta, historiador, jornalista e filósofo, é um dos homenageados da *I Bienal do Livro de Pescaieira*, que acontece no Centro de Artesanato de Pescaieira, Agreste de Pernambuco, de 9 a 13 de dezembro. Nascido em Brejo da Madre de Deus, Zeferino mudou-se ainda criança para a cidade, onde despertou seu talento para a literatura. Reconhecido como

um dos mais importantes filhos da terra, é nome de rua e inspirou a criação da Fundação de Cultura Zeferino Galvão. Também será homenageada a poetisa Djanira Silva. Entre as atrações da Bienal estão a sexóloga Laura Muller, colaboradora do programa *Altas Horas*, da TV Globo, e o cantor Maciel Melo (foto), que vai realizar show e lançar o seu primeiro livro, *A poeira e a estrada*.

DIVULGAÇÃO





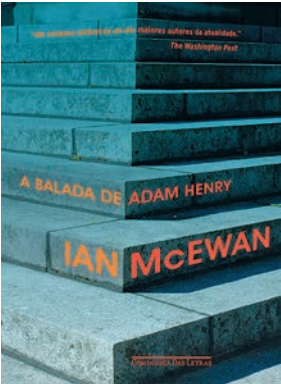
IMAGENS: DIVULGAÇÃO



McEwan, o romancista

Poucos autores carregam uma verve tão forte quanto o britânico Ian McEwan, que já chegou a ser conhecido como Ian Macabro, pelo tom implacável de obras como *Amor sem fim* (1997) e *Amsterdam* (1998). Nos últimos anos, no entanto, o traço decisivo de sua literatura tem sido a defesa da racionalidade científica contra os fundamentalismos religiosos. É esse o embate que está no cerne de *A balada de Adam Henry*. A personagem central é Fiona Maye, uma juíza do Tribunal Superior especialista em Direito da Família. Fiona se vê, no entanto, envolvida num caso em que acaba se vendo dividida entre o desejo sexual e o cuidado maternal com um garoto de dezessete anos chamado Adam Henry, que não pode fazer o tratamento médico necessário

devido à religião dos pais, que são Testemunhas de Jeová. Uma prerrogativa estranha, e um pouco novelesca demais, para alguém que fez *Reparação* (2001), um dos romances mais chocantes da década passada, ao discutir a força da ficção em lidar com a vida real.



ROMANCE

A balada de Adam Henry
Autor – Ian McEwan
Editora – Companhia das Letras
Preço – R\$ 37,90
Páginas – 200



Demasiados humanos

O turismo como ilusão e também como uma espécie de observatório para a vida. Essa é a proposta que Carlos Henrique Schroeder lança mão no romance *As fantasias eletivas*, marcado pela história de Renê, um recepcionista de hotel que destruiu suas relações familiares, cuja rotina espartana é conturbada pela relação que passa a estabelecer com a travesti Copi (referência ao escritor e dramaturgo argentino do mesmo nome), uma escritora de contos armados a partir das fotos que tira e que não conseguem encontrar leitores. Uma obra introspectiva e estranha, que consegue prender o leitor justamente pela humanidade das criações que coloca em desfile. “É um livro não só

sobre a solidão, mas também sobre a escrita. A impossibilidade dos textos de Copi irem para algum lugar é o que ocorre com a maioria dos autores”, define o escritor que usou sua experiência como recepcionista em hotel como laboratório da escrita do seu romance.



ROMANCE

As fantasias eletivas
Autor – Carlos Henrique Schroeder
Editora – Record
Preço – R\$ 32,00
Páginas – 111

PRATELEIRA

POEMAS NEGROS

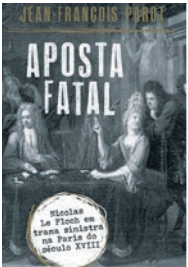
A publicação recupera a primeira edição, de 1947, com ilustrações de Lasar Segall e prefácio de Gilberto Freyre, apresenta 39 poemas cheios de sensibilidade e envolvente musicalidade, em que Jorge de Lima descreve a paisagem nordestina, dos engenhos ao litoral, passando pelo tráfico de escravos, a lida diária e as festas. No posfácio, Vagner Camilo diz que este livro situa Lima no debate sobre a produção literária de temática negra no mundo.



Autor: Jorge de Lima
Editora: Cosac Naify
Páginas: 192
Preço: R\$ 39,90

APOSTA FATAL

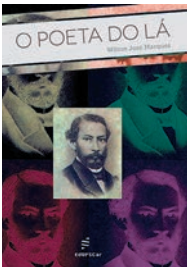
Uma investigação policial cheia de reviravoltas, o livro de Parot, que marca a estreia do detetive Nicolas Le Floch, protagonista de uma série que se desenvolve no século 18 e é um grande sucesso na Europa, chega ao Brasil traduzido por Guilherme João de Freitas. Nele, o leitor mergulha numa atmosfera de corrupção, assassinatos e traições, envolvendo nobres e mendigos em meio aos ritos e hierarquias que dominam Paris.



Autor: Jean-François Parot
Editora: Vestígio
Páginas: 384
Preço: R\$ 44,90

O POETA DO LÁ

O maranhense Antônio Gonçalves Dias, “o poeta do Lá”, morto há 150 anos, tem quatro poemas analisados por Wilton José Marques, que discute suas preocupações temáticas, com ênfase no indianismo; os diálogos literários com outros escritores, e vários aspectos do seu projeto literário, que conferiu um aspecto inovador ao romantismo brasileiro. Os poemas são *O canto do guerreiro*, *O canto do Piaga*, *O vate e Canção do exílio*.



Autor: Wilton José Marques
Editora: EdUFSCar
Páginas: 152
Preço: R\$ 32,00

O PAPEL DE TODOS

O misterioso sumiço de todo o papel do mundo, inclusive cédulas de dinheiro, papel higiênico, livros, embalagens etc é o pretexto para conscientizar os leitores da importância da preservação ambiental e da reciclagem de lixo. Terezinha Malta oferece uma viagem pela história da evolução do papel, enfatizando sua importância em nossa vida. Ilustrado por Jótah, que criou os simpáticos monstros extraterrestres XPI e Lixpô.



Autora: Terezinha Malta
Editora: Editora do Brasil
Páginas: 40
Preço: R\$ 35,80

MALASSOMBRO

Congresso de Literatura Fantástica acontece na UFPE

O Belvidera (Núcleo de Estudos Oitocentistas do Departamento de Letras da UFPE) realiza pelo quarto ano o *Congresso de Literatura Fantástica*, com Histórias de Fantasma como tema. Será de 3 a 5 de dezembro, reunindo os apreciadores de histórias de mistério do além, humor negro, lendas, causos, aparições, cinema de horror etc. Haverá palestras, exposições, mostra de filmes e lançamentos de livros.

PROGRAMAÇÃO 1

Destaques do Belvidera incluem literatura afro

O congresso acontecerá no auditório do Centro de Artes e Comunicação, a partir das 9h30. A abertura, mediada por Anco Márcio Tenório, terá palestra de Valter da Rosa Borges e o lançamento do livro de Bráulio Tavares, *Sete monstros brasileiros*. À tarde, a mesa-redonda *Fantasmas na literatura africana* abordará *A fauna, flora e fantasmas de Mía Couto*, e o sagrado e o fantástico em *O nosso reino*, de Valter Hugo Mãe.

PROGRAMAÇÃO 2

Fantasmas no cinema, no teatro e nos livros

Depois de uma mostra de curtas do cineclube Toca o Terror, a programação termina com o espetáculo *Noite com fantasmas*, do ator Paulo André Viana, e o lançamento dos livros *Espetros da geografia colonial*, de Alfredo Cordiviola (Ed. UFPE); *Histórias em quadrinhos do Recife assombrado*, de Balaio & Beltrão (Ed. Bagaço, PE); *O fauno nos trópicos: Um panorama da poesia decadente e simbolista em Pernambuco*, de Fábio Andrade (Cepe Editora), entre outros.

CRÔNICA

Luís Henrique Pellanda

JANIO SANTOS



Boleros de Natal

Faz tempo, eu ainda fumava, era cantor, trabalhava em duas redações e vivia sozinho em outro mundo, muito parecido com este. Morava na Visconde de Guarapuava, a uma quadra da triste Ponte Preta, bem ali onde a prenda doméstica Ritinha da Luz, dezesseis anos, segundo nos conta Dalton Trevisan, “foi atacada por quatro ou cinco indivíduos, aos quais se juntaram mais dois”. Literatura ou não, quase meio século mais tarde, voltar para casa de madrugada, naquela zona de sombra, continuava a ser uma aventura. Mesmo no Natal.

Como sempre, eu caminhava a pé, vindo dos lados da rodoferroviária; só não digo exatamente de onde eu vinha porque aí já seria outra história, e o que importa, aqui, é o que ainda estava para acontecer. Do horário, não lembro, e nem me interessava, mas jamais esqueci a ceia quase alegre de horas antes, a digestão lenta, porém tranquila, e a satisfação do meu corpo cansado exigindo banho, cama e silêncio. O ano havia sido bom. Problema urgente, eu só tinha um, a falta de cigarros. O resto ficava para a manhã seguinte. Só não dava para entrar no prédio sem descolar um maço. Mas onde?

No primeiro boteco que eu encontrasse aberto, decidi. E azar, para que tanta prudência? Havia a promessa bimilenar de uma noite feliz, vivíamos a véspera de um dia de festa, comunhão e nada mais, Jesus nasceu, morreu e nos livrou das bestas, e se o vício era a minha bandeira de guerra, a fé seria o meu salvo-conduto. Cristão nenhum morre com um peru de Natal no estômago.

Determinado, entrei no único bar aceso, a porta já abaixada até a metade, uma sala suja e minúscula, azulejada em branco e sangue. Meia dúzia de mesas de plástico, um balcão curto e cinco banquetas oxidadas. Lá dentro, quatro homens se espalhavam, três fregueses e o cara do caixa, todos de quarenta para cima. Ouviam música, um bolero sertanejo e antigo que não reconheci, mas aprovei, cantado por uma dupla afinada, de vozes ásperas e muito finas.

Falei que ouviam música, mas não era bem assim. Na verdade dançavam, transidos de amor, e por isso nem me viram chegar. Me escorei no balcão, fascinado, sabendo que não devia interrompê-los, ao menos até o fim daquela canção.

O cara do caixa dançava sozinho, apertando os olhos, um pano de prato lançado ao ombro nu, uma alça da regata frouxa, caída de lado. Jogava o corpo lateralmente, pra lá e pra cá, curtindo a própria ginga, uma das mãos pousada sobre o toca-fitas à sua frente. A cada quatro compassos, alucinado, aumentava o volume.

Dois outros homens, gordos e suados, dançavam juntos, atropelando cadeiras, presos a um abraço firme, e sua força parecia vir de um lugar úmido e obscuro entre o carinho e o desespero. Um deles, muito alto, aninhava a cabeça do outro, bem mais baixo, junto ao peito, as camisas desabotoadas, num obscuro encontro de barrigas. O alto conduzia o baixo sem muita perícia, os pés mal respondendo ao ritmo do bolero; e o baixo nem mexia as pernas, apenas se deixava arrastar, entregue à maré de desejos de seu imenso amigo, um oceano em forma de bailarino.

Só o quarto homem não dançava. Sentado a uma das mesas, ao fundo do bar, ele observava a cena, quem sabe enciumado. Além de mim, era o único de pálpebras abertas, as bolsas inchadas, e chorava quieto, sem mover uma ruga. Diante dele, soturna e brilhante, erguia-se uma cidade de cascos vazios, cervejas mortas, um litro de conhaque, douradas transparências.

A música acabou e sobreveio outra, um novo bolero, quente como a madrugada de dezembro, mas permaneci invisível. Ninguém me notava, nem olhava ao redor. Entre eles, tudo que houve foi uma mudança rápida de parceiros, um estranho rodízio de sentimentos, o contentamento e a frustração passando de um a outro homem, como se trocassem de corações.

Os gordos se separaram, o sujeito que chorava se levantou e, aparentando algum apaziguamento, se acomodou entre os peitos vagos do condutor. O baixinho, preterido, não pareceu se incomodar, já esperava aquela rejeição, estava acostumado, e foi descansar atrás das garrafas, cantando com admiráveis graça e competência. O cara do caixa, por sua vez, assumiu o encargo de chorar, e ergueu ainda mais o volume.

Me sentei ao balcão, o jeito era esperar. Seria melhor ir embora, eu sei, mas não conseguia, e por três motivos. Primeiro, o espetáculo daquele quarteto improvável me encantava; segundo, eu queria aparentar certa naturalidade frente a tantas emoções deflagradas sem pudor, Deus me livrasse de ofender a beleza daquele palco; e, terceiro, eu precisava dos cigarros.

Esperei, portanto. Até que o homem sozinho à mesa finalmente me descobriu. Veio a mim sorrindo, as mãos pequeninas me convidando a um enlace dançante, vem rodar comigo, vem? Bom, eu não queria falar nada, o som muito alto, seria preciso gritar para ser ouvido e, assim, improvisei uma mímica simples, também simpático, não, não, só vim comprar cigarros, e pus dois dedos amarelados diante dos lábios, soprando uma fumaça imaginária em direção ao ventilador de teto, imóvel, mas decorado com luzes natalinas.

Ao me perceber no bar, o cara da toalha no ombro enfim acordou de si mesmo, e correu me atender, trôpego, desabando, apoiando-se na fórmica descascada do balcão. Mas, para a minha surpresa, também quis saber se eu não queria dançar.

- Quero comprar cigarro.
- Tudo bem, mas não quer dançar, não gosta de dançar?

Eu ri, todos riram, e ele, rindo, foi buscar os cigarros na caixa. Só tinha Plaza, avisou, e eu disse que estava certo, eu levava. Paguei, recebi o troco, o cara me passou umas moedas, pegou na minha mão, piscou para mim, dança vai, só uma?

Não, não, eu disse, nada de danças, e todo mundo riu mais uma vez, eu só queria fumar mesmo, e falei que já ia indo, é quase manhã e tchau. Despi o maço de Plaza, puxei a lingueta de plástico e ela, rebelde, caiu no chão. Fui me abaixar para apanhá-la, mas não deu, um terceiro bolero inundou o bar e os quatro homens me cercaram, e me envolveram calorosamente, eram fortes e loucos pra valer, e acabei afogado por uma onda salgada de afeto, euforia, fedor e álcool. Dançamos, sim, os cinco numa mesma roda, as testas unidas, as barbas de mil e uma noites, e eu no meio do redemoinho, sem chance de vencê-los, sentindo que já me suspendiam no ar, os pés pendurados, e o peru dentro de mim azedando, adeus, fé, adeus, coragem, adeus...

Mas não. De repente, devagar, todos foram se desacoplando do núcleo que eu representava, numa coreografia bela e sobrenatural, milagrosa até, e saíram rodopiando pelo espaço suarento do bar, temporariamente esquecidos de si, e uns dos outros, e de mim. Em questão de um minuto, tudo terminou, e me vi abandonado no vácuo, sentindo um frio inesperado, e inesperadamente sozinho.

Saí para a alvorada e acendi um cigarro. Quando alcancei meu prédio, ameaçava chover. Saí do elevador e senti cheiro de maconha. Alguém tocava violão, uma turma cantava um pagode bêbado. Ouvi xingamentos lá no fim do corredor, um choro de mulher. Era meu vizinho com sua namorada, ela tinha vindo do interior passar o Natal com ele, trouxe uma guirlanda bonita para a porta do apartamento.

Entreí, fui à sacada e acendi outro cigarro. E depois outro, e mais outro. O sol nascia longe, na Serra do Mar, mas o céu logo escureceu e a chuva pesou em cima de Curitiba. Uma nova noite de Natal cairia sobre nós. Eu precisava parar de fumar, pensei, e fui dormir em paz, enquanto anoitecia, anoitecia, e os meus sinos gemiam, gemiam.